

**VIDA MUNDIAL**

**ILUSTRADA**

SEMANARIO GRAFICO DE ACTUALIDADES



OS PRIMEIROS OCULOS DA ESTACAO! FICAM-LHE BEM E ELA SABE-O. E SO POR ISSO TEM A CORAGEM DE ESCONDER OS OLHOS LINDOS DOS PRIMEIROS RAIOS DE SOL...

ANO VI-N.º 199 8 DE MARÇO DE 1945  
PREÇO AVULSO 1580

PHILIPS



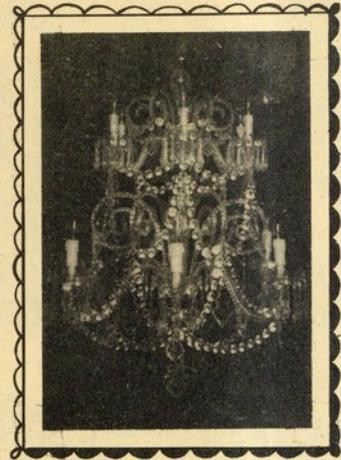
CASA José Costa

R. DE S. PAULO, 11-13—LISBOA—TEL. 24888

FRIGORÍFICOS \* RÁDIO \* LUZ \* SOM

ESTA CASA DISTRIBUI CALENDÁRIOS COM ESTE MOTIVO

\* LUSTRES \*



APLIQUES \* CASTIÇAIS \* ABAT-JOURS \* CANDELABRÓS \* CANDIEIROS DE MESA \* RESTAURAÇÕES

J. R. de Brito  
FABRICANTE

R. LUIZA TODI, 2 (ÁR. D. PEDRO V) ~ LISBOA ~ TEL. 20497

Moveis  
Decorações

EXECUTAM-SE DECORAÇÕES A RIGOR



PARA MOBILAR O SEU  
LAR COM DISTINÇÃO  
VISITE OS

ARMAZÉNS DA RUA DA PALMA  
DE LOPES & PINTO, L. DA

RUA DA PALMA, 118-124 — LISBOA — TELEF.: 2 8551



UM LINDO SONHO DE MULHER...



...POSSUIR UMA COSINHA MODERNA COMPLETA

DA

FABRICA PORTUGAL

PRAÇA DOS RESTAURADORES, 37-49 — TELE. 2 4948



O sr. ministro Jean du Sault, depois da entrega de credenciais e dos cumprimentos que as suas altas funções deviam às dignidades oficiais, teve o seu primeiro contacto com a imprensa portuguesa. Numa recepção animada pelo espirito tão finamente francês do sr. ministro du Sault, os jornalistas portugueses, representantes de diários e dos mais importantes periódicos da capital reafirmaram a velha união das duas pátrias tão estreitamente afins. E que, acima da intenção protocolar, o ilustre diplomata, rodeado de secretários e de Marcel Dany, adido de Imprensa à Legação da França, sabia, do mesmo modo que os jornalistas, que patrava o espirito de uma amizade reciproca, de um entendimento comum e de uma solidariedade indelével — factores fundamentais que nos fizeram acompanhar com ansiedade angustiosa os acontecimentos da França só aparentemente vencida, e nos fizeram solidários da sua ressurreição.

As palavras do sr. Jean du Sault, tão simples e expressivas, deram a medida dessa compreensão e traduziram as razões que o levaram a chamar à colaboração dessa compreensão, um dos melhores valores nacionais: a sua Imprensa.

## MUSEU DO TRABALHO

**V**EM de longa data a minha acendrada simpatia pela acção benemerita e civilizadora da Sociedade «A Voz do Operário». O bom senso, o equilíbrio, o elevado espirito de solidariedade que presidiram sempre à sua actividade; o dinamismo em suas iniciativas, tôdas coroadas de êxito brilhante, dão-nos a certeza de que outras instituições congêneres, orientadas com tenacidade, com inteligência semelhantes, riquíssimos frutos produziram na educação das classes operárias.

A criação do «Museu do Trabalho», dentro da órbita das superiores concepções que nobilitam a Sociedade «A Voz do Operário», se me regalou, não me surpreendeu. Está na lógica da sua actualização, em plenitude de fé, e, hora a hora, mais compenetrada de responsabilidades, mais fremente de progresso.

Continuar o ramerrão, permanecer extático, ante a obra feita, mostrar-se embaraçado ante as dificuldades, manter preconceitos e rotinas — porque as antigas sempre assim fizeram — só é próprio dos povos decadentes.

O passado, que nos cumpre admirar, quando é digno de tal, só tem de relembrar-se como incentivo para largos avanços. O lema tem de ser: sempre mais e melhor. As glórias dos antepassados — hoje que não há terras a descobrir nem a conquistar, em benefício da civilização — servem-nos de estímulo, na luta por humanidade que se afirme consciente, compenetrada, mais perfeita e mais esclarecida, sobre as obrigações morais e sociais que sobre ela impendem.

Portanto, merecedora de calorosos aplausos e louvores é a Sociedade «A Voz do Operário», ao fazer incidir torrentes de luz sobre o que devemos aos milhares de criaturas, nossos antecessores, no combate porfiado pelo progresso e aperfeiçoamento das condições do trabalho, até chegarmos à época actual, em que as maravilhosas descobertas dos estudiosos, dos sábios, concederam aos homens fa-

(Continua na pag. 18)

## NO REINADO DA CARA RAPADA

**H**OUVE um tempo em que o homem se honrava de usar o bigode faganhudo e as longas barbas de patriarca. Encontrar uma face rapada era tão difícil, nos homens idosos, como hoje topar, no Chiado elegante, um chapéu alto, de lustroso feltro. A história registou mesmo o gesto heróico e honrado de D. João de Castro, querendo empenhar as barbas pela palavra.

Os folhetins antigos traziam nas estampas amorosas a donzela pálda, de tranças, sofredora e meiga — e o apaixonado romântico, que distilava amor pelos poros, de longos bigodes e barbicha no queixo.

Faziam parte da formosura feminina as tranças negras, aveludadas, ou os louros caracóis — que tôda a poesia comparava aos trigais das cearas. Com o andar dos tempos deixaram de ser apreciados os lindos cabelos para se gabarem os *bigodis*, as permanentes, os canudos em série, as carapinhas em funil. A Madalena bíblica de longos cabelos sótos, caídos sobre as espáduas nuas — cedeu o lugar à Verónica com a madeixa a tapar o olho. E nisto acertou a mulher, porque se tinha uma cabeça pesada — ficou com um cérebro leveíssimo, com todos os movimentos de rotação ligeiros, como convém à curiosidade. O mesmo fez o homem mandando cortar as barbas e o bigode.

O espirito prático da nossa época impõe facilidades e rapidez nos hábitos cotidianos. Ora ter barbas é uma coisa — e ter barba é outra. Pode dizer-se — e com certa razão — que o homem perdia menos tempo a pentear os pêlos do rosto e a encerar o bigode — do que a escanhoar a cara com a navalha. Será. Além disso, umas longas barbas tinham muita vantagem: dispensavam o uso do colarinho e da gravata, serviam de guardanapo e, até certo ponto, eram um passaporte de austeridade.

Claro que fazia uma certa confusão ver hoje um casal feliz atravessar a Baixa com um robusto bebé ao colo — ainda não havia, naquele tempo, nem as cadeirinhas com rodas nem as alcôfas com asas — êle, de longas barbas pretas e bigode retorcido, e ela com setenta centímetros de trança enrolada na nuca. Tôda a gente os suporia avós, agora que qualquer garoto de barba a despontar é papá de profissão e acaba o curso com sacrifício...

O reinado das barbas caiu — e o bigode, imediatamente, entrou em crise. A cara rapada começou a dominar. O homem quis mostrar melhor o seu rosto — e deu mais alegria à vida.

As barbas faziam-no triste, acabrunhado, idealista — um romeiro de espirito — e o homem, para ganhar a vida é tudo: desde caixeiro de bazar a porteiro de «cabaret».

Ora essas profissões são incompatíveis com o ar severo dumas barbas bem tratadas.

Dir-me-ão: Mas se todo o homem usasse a barba crescida? Já não se notava essa diferença, não é verdade?

Pois sim, mas vinha a crise dos barbeiros, e a vida andaria cem anos para trás.

O conceito da dignidade traria o duelo ao primeiro insulto; ninguém correria a um eléctrico, nem ninguém regatearia à mesa do café. E que as longas barbas no homem são braçadeiras de luto.

É a alma a meia adriça. Se a alegria quere chegar aos lábios — as barbas são grades. E, aqui para nós, tantos homens de grades — a vida parecia um «limoeiro».

MANUEL MARTINHO

As figuras da SEMANA



ALMIRANTE MESQUITA GUIMARÃES



TENENTE-CORONEL LARCHIER

O sr. Ministro da Marinha acaba de convidar o sr. Almirante Mesquita Guimarães, antigo titular daquela pasta, para o alto cargo de inspector da Marinha.

Acaba de ser promovido a tenente-coronel, o sr. major Armand Larchier, que, actualmente desempenha os cargos de director dos serviços de Censura e de sub-director do Colégio Militar.



**T** GUAIS como duas gótas de água... Atendem nas suas faces e vejam se são capazes de distinguir Lynn e Lee Wilde, as célebres gémeas Wilde. Apenas uma é ligeiramente mais baixa do que outra. Mas, só lado a lado, é possível utilizar tal circunstância como referência. Os espanhóis, quando vêem uma mulher bonita, costumam dizer: «Bendita sea tu madre!» Que diriam da mãe destas duas lindíssimas raparigas?



## O "DIA DA MÃE", NOS ESTADOS UNIDOS

**A**

América celebrou, recentemente, o «Dia da Mãe». Dia de saúde e de amor — porque a guerra lhe roubou a alegria e arvou os elos de afecto que unem mães e filhos, separados por milhares de léguas de distância. A gravura mostra-nos Constance Moore e sua filha Gina, de três anos de idade. Na vida privada, a famosa estrela chama-se simplesmente Mrs. Johnny Maschio. E nesta imagem, cheia de beleza, há como que um hino à alegria da maternidade — e à esperança de que melhores dias estão para vir.

## CINEMA PARA OS TRABALHADORES

**O**

Sr. Sub-Secretário das Corporações e Previdência Social, no importante discurso que proferiu, no acto da posse da Junta Central das Casas do Povo, referiu-se à tarefa de cultura que lhes compete realizar, reivindicando para o cinema uma acção primordial:

«As Casas do Povo — disse o sr. dr. Castro Fernandes — devem utilizar o cinema como instrumento de cultura e de educação popular, promovendo a exibição de fitas adequadas a estes fins e excluindo todas aquelas que possam constituir elemento de perversão dos bons costumes e da ordem social.

«Por isso, o problema do cinema para as populações rurais tem de ser encarado por forma a que o espectáculo — de intenção cultural e recreativa — não altere a mentalidade popular e não se torne em factor contraproducente.

«A solução definitiva — acrescenta — consistirá em promover a produção de filmes nacionais, de pequena metragem, que apresentem imagens concretas e práticas, apropriadas aos fins que a organização corporativa pretende atingir no domínio do aproveitamento do tempo livre dos trabalhadores.

Nestas palavras sensatas, e que revelam o conhecimento exacto de um problema de incontestável interesse nacional, está todo um programa a realizar. Vão longe os tempos, felizmente, em que o cinema, em Portugal, era olhado pelos nossos governantes como um mero instrumento de diversão, frívolo e desmiolado. Hoje — e não se pode dizer que tenhamos caminhado com a rapidez que teria sido de desejar — o cinema já é olhado como merece, e todos reconhecem no espectáculo favorito das multidões a força incomensurável que nele se contém, como instrumento de educação e de cultura.

O sr. dr. Castro Fernandes defende, e muito bem, a organização de uma cinemateca, com filmes apropriados, e que não deverão ser apenas de propaganda e cultura, mas também de recreio — com vista ao aproveitamento, no mais lato sentido da palavra, do tempo livre dos trabalhadores.

Oxalá estas aspirações encontrem nas pessoas a quem se dirigiram a rápida execução do pensamento do Governo, anunciado por intermédio do ilustre titular das Corporações e Previdência Social. Sabemos agora, de forma clara e iniludível, que o Estado se interessa pela feitura dos filmes necessários para recreio, cultura e educação dos trabalhadores. E que não lhe negará, assim, os meios imprescindíveis para fazer do programa esboçado uma consoladora realidade.

FERNANDO FRAGOSO

## LUA DE MEL, ÀS PRESTIÇÕES

**C**ONHECERAM-SE durante as filmagens de «Família Miniver». Ela era a mãe. Ele o filho. Greer Garson, encarnação sublime da feminilidade, não tinha romances de amor no seu passado. Richard Ney, que começava, então, no cinema, a sua carreira, ainda não havia encontrado no seu caminho uma mulher! Foi um amor que nasceu, irresistível e arrebatador! Mas a guerra palavra sobre eles como uma sombra.

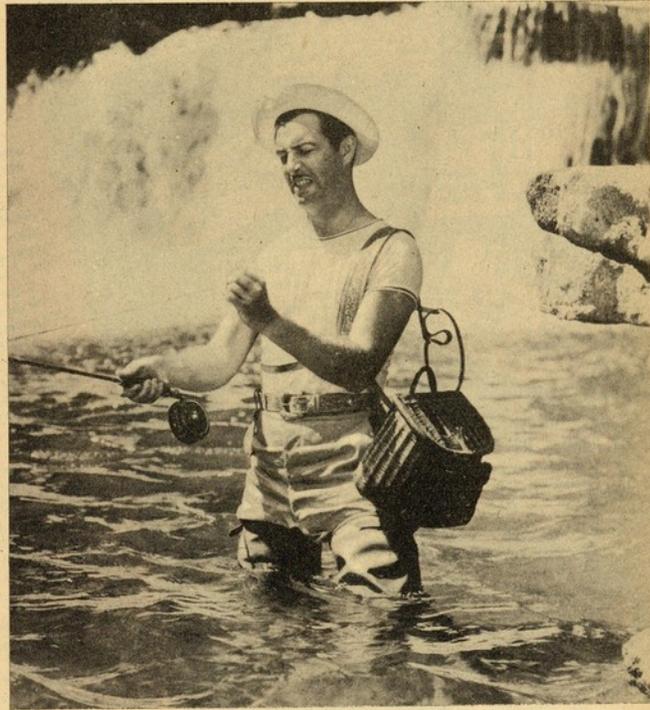
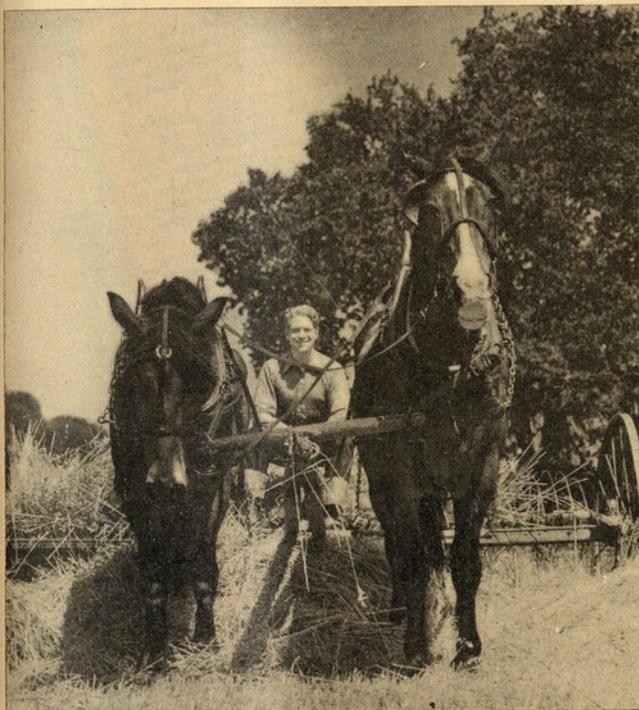
Uma tarde, Richard Ney recebeu a ordem de mobilização. Acolheu-a com alegria. Haviam combinado os dois que só se casariam quando a guerra acabasse. E Richard Ney, com o entusiasmo próprio da idade, pensava que, com o seu esforço, ajudaria a encurtar a duração da mesma. Foram oito longos meses nas paragens geladas do Alasca. E voltou a Hollywood com uma licença de poucos dias.

Greer esperava-o ansiosa! Richard balbuciou uma pergunta: «Queres?». A separação tinha sido longa demais para admitir uma recusa. Correram a tratar do casamento, no mais absoluto segredo. Deliciosa conspiração! Foi num sábado. Greer trabalhou no estúdio até ao fim da tarde, como se nada se passasse. Depressa chegou à igreja, onde a aguardava um só convidado, sua mãe, Mrs. Nina Garson. Casaram-se. E, sem que ninguém soubesse, passaram um domingo delicioso — esquecidos da guerra, esquecidos do mundo...

No dia seguinte, Richard partiu para o seu posto. Greer Garson ficou entregue ao trabalho. E teve a fortalecê-la as doces recordações das horas que viveram juntos. Meses e meses de ausência do marido, tornaram mais ansioso o instante do regresso.

No intervalo entre duas batalhas, Richard Ney chegou há dias a Hollywood, para continuar a lua de mel interrompida. O fotógrafo surpreendeu-os horas depois do encontro dos noivos. Richard está radiante de felicidade. E na expressão assombreada de Greer Garson, não sabemos se perdura a emoção do longo abraço que trocaram, ou se há tão somente a pequena contrariedade de «posar» para o fotógrafo, num momento em que lhe interessa apenas a presença do marido.

Como o poeta, eles poderão dizer que lhes parece, «para tão grande amor, tão curta a vida»...



## GALÃS EM FÉRIAS

**F**ÉRIAS! Esta palavra mágica, que evoca os verdes arvoredos, o mar azul e a esteira de espuma branca de um barco à vela, só nos estúdios como uma fanfarra anunciadora de nova era.

Férias! Cansados da atmosfera esgotante dos «plateaux», da tortura dos «sunlights», da tensão a que obriga o seu trabalho, os artistas procuram evadir-se — e repousar. E não buscam os grandes centros mundanos ou as estâncias famosas de veraneio. Estar só — é a ambição n.º 1 de todos os colonos da Cinelândia. E entregam-se, então, àquelles prazeres sádios e primitivos, que estão na base dos motivos da natureza.

Aqui temos, nestas fotos, dois exemplos flagrantíssimos. Nelson Eddy — lembrem-se da «Balalaïka»? — encontra no seu «rancho», que se ergue no sopé da mais verdejante colina da Califórnia, um óptimo passatempo, fazendo a colheita da seara do loiro trigo, com uma ceifadora mecânica, que ele próprio dirige.

Robert Taylor, actualmente na Marinha, aproveitou uns dias de licença para repousar, com Barbara Stanwyck, sua mulher, na casa de campo que possuem em San Gabriel River. No rio que corre ali ao pé, e se despeña em maravilhosas quedas de água, Robert Taylor dedica-se ao seu desporto favorito — a pesca!



## AQUI ESTÃO ALGUNS

# ANÚNCIOS PARA O LEITOR!

### CASAMENTO

Senhora nova, atraente, com casa posta e dote, possuindo grandes qualidades de dona de casa e caracter, caminhando na vida erradamente, adorando o campo, gostaria conhecer cavalheiro digno, letrado ou que não viva em Lisboa, de preferência com fortuna, para lhe tornar a vida o mais agradável possível. Resposta ao Rossio, 11, ao n.º 2011

### Desportista com pouca sorte

Pede-se à pessoa que encontrou um anel de ouro branco com uma pedra fina no Café-Restaurante S. João, em favor de escrever para António Ferreira Ramos, Avenida D. Afonso Henriques, Matozinhos

### VIUVO

Carpinteiro com 50 anos deseja conhecer uma companheira que seja séria para fins matrimoniais. Carta com quintal. Carta Rossio, 11, ao n.º 1373

### PRECISA-SE CAO

Para cobrir, ondei cerca de 65 cms. altura. Resp. urgente Rossio, 11, n.º 1163.

### ENERGICO!

Sou eu e activo, tambem, mas não tenho o bem de empregar estes dois predicados. Incal. no Resp. Rossio, 11, ao n.º 1494.

### PARDAL DE JAVA

Alvissaras fugido domingo traieiras Rua Felipe da Mata, 23, 2.º. Ficou fêmea.

### Casamento

Tenho 31 anos. Certa situação nova educação. Procuro noiva soavel, culta, sensata, pobre, para fixar em alma. Gostaria de residir em Lourenço Marques. Resposta ao Rossio, 11, ao n.º 1920.

### COMER

Dá-se uma pessoa cal. Cada Sábana 132-A, 3.º

### TEATRO

Revisteiro e vocação e opimas ideias gostaria colaborar parcaria qualquer genero. Rossio, 11, ao n.º 439.

### Sepultura perpétua

No Alto de S. João, vende-se, por motivo de retirada. Resposta ao Rossio, 11, ao n.º 945.

### 1 MILHÃO

de agradecimentos a quem proporcione a dois noivos um lar, alugando casa c/ 5 dir. até 300000. Carta ao Rossio, 11, ao n.º 1015.

### GATO

Precisa-se Angorá branco, para ligação urgente. Rua Artilharia Uta, 12, 2.º, Esq.

### CADELINHA

Essa, para senhora com caelinha. Rua Rossio, 11, ao n.º 783

### CAVALHEIRO

37 anos, educado, conhecimentos de antiguidades, bons clientes sabe onde estão boas louças da Índia, etc. Deseja encontrar senhora ou catão de idade para poder comprar. Resposta Rossio, 11, ao n.º 1760.

### Cavalheiro

Ainda não divorciado, deseja conhecer mulher honesta. Faz-se feliz. Resposta Agência «Diário de Notícias»-Nazareth

### FABRICO DE AZEITE

Pessoa inteligente capaz de perceber e explicar instruções de J.N. A paga-se, generosamente. Carta a R. Conceição, 147, 10 n.º 63

### Trajos de cerimonia

Casacas, fracs e smoking. Alugam-se no guarda-roupa Pádua. Rua da...  
**NOITE DE GALA**  
Sendo hoje recita inaugural da época no Teatro Nacional de D. Maria II, com um digna assistida de grande classe, ao qual se dá a República, recomendamos uma oportunidade de vista ao Mercado Internacional de Opticas em 2.º mão.  
**CARLOS QUEIROZ, LD.**  
40, Rua Bernardino Costa - Lisboa  
- Telef. 26024 -

A pessoas que têm a loucura das colecções: umas colecionam selos, outras amontoam móveis, outras visitam e guarda-chuvas, há, ainda, as que empilham na Imprensa — esse colecionador a justiça de o anúncio seções de «O Século» ou do «Diário de Notícias», empunha a tesoura ou a lâmina de «gilettes», desbrucha-se na leitura, disseca-lhe o sentido, saboreia a prosa, recorta, cola — e, pronto, aí temos um álbum de cerca de quinhentos anúncios pequenos, grandes, de todos os formatos, feitos e ditos!

Naturalmente, a Torres de Carvalho não interessa. o anúncio banal. Não, é preciso fazer a inocência, pela pureza da redacção pessoa de gosto invulgar. E, assim, podemos garantir que nenhum dos anúncios recortados peca pela rigidez da forma. São todos mais ou menos filhos do parate, um índice moral e psicológico do nosso mundo debruçado sobre a janela aberta do jornal. Anúncios que valem poemas; dão-lhe um tal qual os retratados do nosso mundo debruçado dá o leitor supor que nasceram da imaginação de jornalistas... Como vêem, há aqui interesses de toda espécie, desde a «Sepultura perpétua» que se pretende vender, por motivo de retirada, até ao gatinho «Angorá» para ligação urgente... Mas, o leitor que observar pacientemente cada um destes pequenos recortes há-de ver que não pode conter o riso... Repare neste, oferecendo trajos de cerimonia, ou no outro, recitação do Teatro D. Maria II, aqui há meses, quando se fez a inauguração da época daquele teatro, com recita de gala! Agora, nestes outros de casamentos, que saiba do festa que, à guisa de engodo, cita-se a renda diminuta, a existência de telefone, a vida errada que se deseja tornar agradável ou a indiferença pelo dinheiro... Noutros, são «cavalheiros» que, depois de fazerem o auto-elogio, procuram noiva sensata, calma e em corpo são; companheira que tenha casa com quintal, bens rústicos ou quintalão; que saiba cozinhar bem; uma mulher espiritual, podendo mesmo ser culta; e este tipo forte ou a promessa formal da felicidade. E este, ainda, que recorre às almas caridosas ou o que oferece um milhão de agradecimentos? Tudo, tudo isto surge nos jornais diários da nossa terra à feição de bandeiras desfaldadas, apregoando a inconsciência de uns e o ridículo ou a miséria de outros... Jornais, páginas de anúncios — janela aberta sobre o mundo, a janela aberta onde o mundo se debruça...



# A CURIOSIDADE É O QUE DISTINGUE O JORNALISTA DOS OUTROS HOMENS DISSE-NOS XAVIER ECHARRI, MINUTOS ANTES DE REGRESSAR A MADRID

**X**AVIER Echarri é um rapaz. Foi esta uma agradável surpresa que tivemos ao encontrá-lo no «hall» do Aviz Hotel, marcado a telefonema em que tínhamos marcado a entrevista. Alourado e iníope, com um buço delvistado e sorridente, o director do diário madrilenho «Arriba» aceitou prontamente a «posar» para o nosso fotógrafo, no terrazzo do hotel. Depois, com uma encantadora naturalidade sugeriu o «bar» como sendo um local aprazível para a nossa conversa, ao mesmo tempo que se desculpava pelo escasso minuto que se fizera esperar:

—...Viajar é um prazer encantador, mas fazer as malas é um trabalho exaustivo e ingrato!

Pouco sabíamos do nosso entrevistado — e foi ele quem nos disse que viera para o jornalismo por vocação: aos dezassete anos, ainda estudante da Universidade do Escorial, «estreada-se» num semanário; dois anos mais tarde, já como profissional, trabalhava na redacção de um jornal madrilenho, o que não o impediu de concluir o seu curso de Direito. Depois, não mais abandonou as redacções, onde fez tudo o que se fez em jornalismo, até chegar a director. Tem 31 anos. E no sorriso com que sublinhou as reticências destas «notas biográficas», parecia aguardar a primeira pergunta.

Não tínhamos muito tempo, pois o combóio em que ia regressar a Madrid partia daí a pouco...

— Quais os objectivos da sua visita?  
— Meramente particular. Ver uns amigos meus que cá estão, Sanches Massa, Ortega y Casset e Eugénio Montes... Aproveitar um ensejo para conhecer um pouco melhor o vosso país e a vossa gente, que me deixaram encantado! Lisboa, sobretudo, produziu-me uma impressão profunda, de grande cidade. A sua urbanização, em que tantos estilos e traçados se confundem, dá-lhe um ar completo, definitivo. Habitado a Madrid (eu sou madrilenho e lá tenho passado quasi toda a minha vida), que tem o aspecto de uma cidade a construir-se, em que tudo é ou vai ser remodelado, a vossa Lisboa impressionou-me pelo contraste, pois tudo tem aqui um aspecto acabado, pronto, e, tantas vezes, monumental. É uma verdadeira urbe, no sentido moderno de uma expressão antiga...

Quando fala, Echarri altera a impressão que produz no primeiro momento. O seu castelhano sereno, quasi malifluo, tem um tom convincente e agradável de ser escutado; atrás das lentes dos óculos, os olhos parecem adquirir um brilho especial, uma expressão inteligente que empresta às palavras um significado que em si próprias não contém; e a sua presença dimana esse fluido estranho que se desprende dos espíritos superiores — o que transformou em prazer o dever tantas vezes ingrato da entrevista...

— E não foi só Lisboa que me encantou. António Ferro teve a amabilidade de proporcionar-me uma excursão a Alcobaca e à Batalha, de que difficilmente me esquecerei. Esses dois belos monumentos, tão semelhantes em grandiosidade e tão diferentes em significado, o primeiro apenas de ordem política e o segundo profundamente poético, denxaram-me, enquadrados por toda a minha vida... Uma recordação que perdurará por toda a minha vida... Vocês, cá, já quasi nem dão por eles: são as deformações do hábito. Mas, para quem chega e é surpreendido por essas gestas de pedra, não sei se poderá calcular quanto fica impressionado...

Os minutos corriam. Xavier Echarri dispunha de pouco tempo — e não quisemos limitar-nos a arquivar as suas impressões de turista.

— Qual é, em seu entender, a função do jornalismo nas sociedades actuais?

O director do «Arriba», que até aí falara com avontade e fluência, pareceu surpreender-se com a pergunta. O entu-

siasmo das suas palavras anteriores foi substituído por um visível retraimento e, após um instante de meditação, pausadamente:

— Bem... Nos nossos dias, o jornalismo é a coisa mais ingrata e mais alciante que há...

A medida que ia falando, Echarri parecia procurar os termos exactos de que queria servir-se. E encontrou-os, simplificando o problema nesta divisão:

— Antes de tudo, consideremos duas missões distintas no jornalismo: a informativa, e a formativa. A primeira deve sempre ser objectiva e verdadeira e não há que procurar nas suas omissões a realização parcial da segunda. A realidade não se altera pela circunstância de a não dar ao público... O aspecto formativo do jornalismo, esse, é sempre o mais delicado, e a hora que passa torna-o difficil e importantíssimo...

E, após nova pausa, Echarri prossegue:

— No que o jornalismo tem de doutrina, parece-me que devemos todos, neste momento, procurar adaptar os pontos de vista às realidades que vão surgindo, num esforço de compreensão e de harmonia, e não criando situações de irreductibilidade que conduzam ao ódio e à desorientação. Neste mundo de destroços em chamas, cabe à Imprensa um papel apaziguador, esclarecedor, que leve as massas a entenderem-se melhor e não a odiarem-se mais. Devemos ser, os jornalistas, aqueles que o primeiro procurem promover a harmonia e o equilibrio que se perderam, encharcados em sangue e estoltrados com dinamite. Para que a paz valha a pena, é preciso que ela não surpreenda os homens ainda possessos das iras sectárias, mas os encontre já predispostos para lutarem sem armas... Penso que num mundo em guerra, guerra de exércitos, guerra de populações, guerra de doutrinas, o jornalismo deve ser desde já um arauto da reconstrução, no meio desta deplorável destruição geral. Resumindo: devemos informar a verdade, e formar a solidariedade; combater a mentira e não dar guarida ao ódio.

Xavier Echarri calou-se, acendeu um cigarro, e aguardou outra pergunta com a tranquillidade que se adquire depois de vencido um obstáculo... Percebemos que só por deidade não consultaria ainda o seu relógio de pulso — e, para finalizar, pedimos-lhe uma opinião de carácter profissional:

— Qual a principal qualidade necessária para um jornalista?  
— A curiosidade. Uma curiosidade latente, por tudo e por todos, é o que distingue o verdadeiro jornalista dos outros homens...

— Dir-se-ia ser o jornalismo uma profissão ideal para as mulheres...

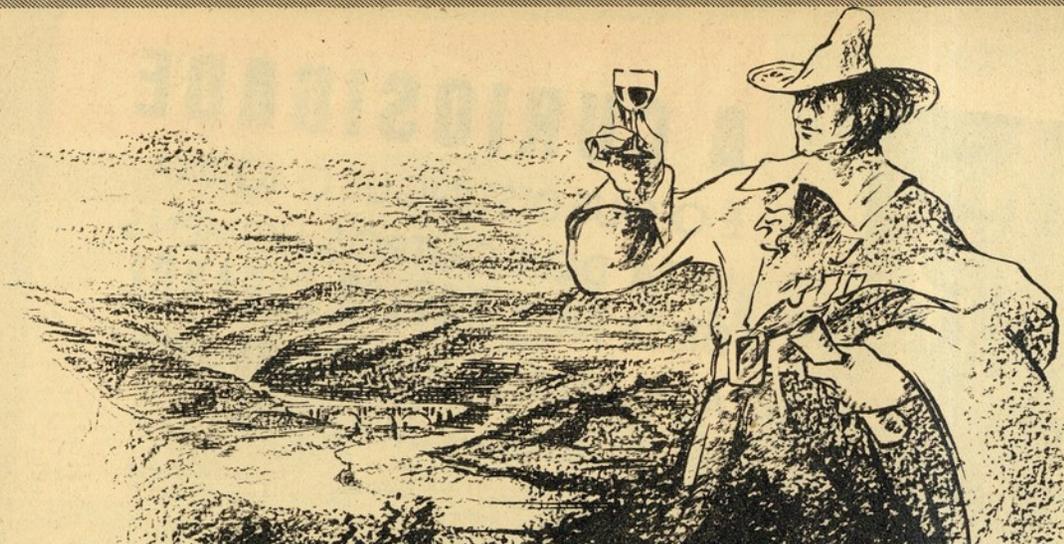
Xavier Echarri sorri, pois a seu copo sobre a mesa, e responde:

— E por que não? Entre nós, poucas fazem jornalismo. Mas, proporcionalmente, as boas jornalistas não são em menor número que eles... É essa curiosidade permanente, pelo acontecimento da rua como pelo fenómeno histórico, pelo mendigo como pelo diplomata, que caracteriza o bom jornalista. Depois, o ângulo pessoal por onde encara o acontecimento ou o personagem, e o brilho de síntese com que é capaz de apresentá-los, é que estabelecem a categoria de jornalista. Porém, mesmo sendo um literato e escrevendo primorosamente, quem não sentir essa solicitação constante pelo que ignora, essa ansia sempre insatisfeita, essa fremente necessidade de procura, e esse desejo incessante da explicação, poderá ser um belo escritor — o que não será nunca é um jornalista!

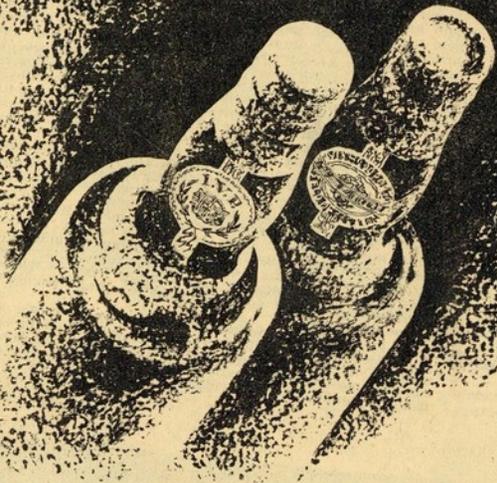
— Eram horas. O combóio partia daí a pouco. Agradecemos a Xavier Echarri ter-nos dispensado alguns dos seus últimos minutos de Lisboa. Já à porta do hotel, enquanto apertava os meus as mãos, o jornalista espanhol pediu-nos:

— Tenho um empenho especial em que refira que, se muito me agradou a vossa terra, pelo menos tanto me comoveu a vossa gente. Encantadora, simplesmente! Parto cumulado de gentilezas e de atenções de todos, e, da maneira mais fidalga e hospitaleira, de António Ferro e dos seus colaboradores. Muito gostaria que este agradecimento não ficasse entre nós...

E, pois que lhe prometemos que não ficaria «entre nós», aí o deixamos ao público a rematar o feixe de impressões colhidas na rápida conversa que tivemos com Xavier Echarri, um dos mais novos e mais brilhantes espíritos do jornalismo espanhol dos nossos dias.



# VINHO do PÔRTO



**PARA  
A SUA  
Curiosidade**

**D**AS COISAS MAIS SIMPLES, MAIS VULGARES, PODE UM FOTÓGRAFO QUE SEJA REALMENTE UM «REPORTER», OBTER EFEITOS SURPREENDENTES. E ESTE EXEMPLO É FLAGRANTE: DUAS PERSPECTIVAS DA MESMA RUA, COM O SEU PALACETE AO FUNDO, E AS ÁRVORES CURIOSAMENTE INVERTIDAS, FORAM ENQUADRADAS PELA OBJECTIVA NOS CROMADOS DAS RODAS SOBRESSALENTES DE UM AUTOMÓVEL ESTACIONADO.



## UMA GRAÇA DE HENRIQUE IV

**H**ENRIQUE IV também tinha as suas graças. Esta, por exemplo, documenta-a perfeitamente e fala-nos do tempo em que na França era moda, era «queque», era «bestial», dizer o juramento:

— Jarnidieu! — a «abreviatura» de je renie Dieu.

Também o rei gostava de usar e abusar dessa expressão, com grande mágoa do seu padre confessor, o jesuíta Cotton. E, de tal modo isto desagradava ao bom pastor que, um dia, não se conteve que não o repreendesse ásperamente. Realmente, o «sire» estava a ser inconveniente com o seu calão ofensivo a Deus. Henrique IV, como criança bem educada, baixou a cabeça de arrependido e prometeu que não voltaria a usar o juramento «jarnidieu». Mas, ainda como criança — desta vez maliciosa e travessa — respondeu:

— Perdoat, meu padre, mas se juro de tal maneira é porque penso mais em Deus do que em vós...

O padre não se descompôs e replicou:

— Pois então, «sire», antes jurasseis por mim do que por Deus...

— Assim o farei de futuro:

Efectivamente, a partir dêsse dia — que não sabemos qual foi... — Henrique IV mudou o «jarnidieu» para «jarnicoton»...

E o certo é que a moda pegou!



QUE LIBES PARECEM ESTAS DUAS FOTOS SEMELHANTES? AFINAL, O CÃO NÃO ESTÁ TÃO LONGE DO HOMEM COMO PODERIA PENSAR-SE...



## CESÁRIO VERDE E BOTELHO, DOIS NAMORADOS DE LISBOA NUMA MESMA EXPOSIÇÃO

**B**OTELHO teve uma idéia — a par de muitas outras, evidentemente — que pôs logo em execução: fazer uma exposição que correspondesse a uma homenagem a Cesário Verde. Depois do poeta que melhor cantou Lisboa, numa linguagem penetrante, úmida de sentimento, amarga de objectivismo, veio Botelho que soube pintar esta facéiosa cidade que tão bem sabe esconder as suas feridas, os seus trapos e vergonhas, num sorriso aliciante e bem disposto. Lisboa é linda — e Cesário, como Botelho, assim no-lo souberam exprimir. Eis porque os dois se deram o braço, para surgir num mesmo certame: all estão ambos, nas páginas de um livro monumental que vai surgir, apresentado pela Inquérito e Ilustrado por Botelho, «O livro de Cesário Verde», contendo toda a sua obra dispersa, vai ser valorizado pela colecção de desenhos de Botelho — numa colecção que ele apresenta no estúdio de São Pedro de Alcântara. Há, além disso, nesta bela exposição de desenhos e de um retrato do poeta, uma outra série de valiosos quadros de Lisboa, recantos da cidade que um amou e perpetuou pelo verso e o outro pela paleta e pelo lápis.

Sem querermos cair na entrevista, ainda assim num encontro com Botelho, quando deixavamos a sua exposição, sugeriu-nos esta pergunta:

— Você, Botelho, onde foi «encontrar»

um Cesário tão diferente do que nós, em geral, conhecemos?

O triunfador de tantos certames internacionais sorriu-se... e explicou:

— Claro, todos nós estamos habituados a ver o poeta da última fase da sua vida breve... Mas eu resolvi tirar-lhe os pêlos adjacentes. Preferi fazê-lo como ele era nos primeiros tempos da sua poesia...

— Mas como pôde fazê-lo?

— Estudando documentos da família e... vá lá, baseando-me na interpretação dos seus versos. Psicologicamente, sinto que Cesário não podia deixar de ter sido «assim». Claro, refiro-me ao Cesário quasi adolescente...

Já dissemos que não queríamos entrevistar Botelho. Mas, ainda assim, vinha a talhe de foice perguntar:

— Que pensa dos modernismos em Portugal? Você não acha que estão velhos?

Botelho sorri outra vez...

— Sim, em relação ao que se faz lá fora, talvez. Em relação a nós, acho que a acção do modernismo não foi ainda tão eficiente que varresse, que sacudisse o que de possidónio, inferior, acaciano, conselheiral, amadorista e não sei que mais a má interpretação do clássico possa ter feito radical. De facto, estaremos atrasados em alguns casos, e em relação ao que se faz lá fora. Mas para aquilo que temos de destruir para construir de novo, parece-me, até, que ainda não começámos a nossa revolução de arte, a renovação dos nossos valores e do conceito de os fazer...

## Teatro

### DIGA O QUE PENSA! ACERCA DE IGREJAS CAEIRO



**Q**UASI a encerrar este pequeno Inquérito — no próximo número perguntaremos o que pensa o dr. Luís de Oliveira Guimarães acerca de Adelina Campos — também quisemos saber o que Espectador, o nosso crítico de teatro, pensava a respeito de Igrejas Caeiro. A resposta veio-nos redigida:

— O que pensa de Igrejas Caeiro?

— Penso que Igrejas Caeiro é, de facto, um actor de largas possibilidades. Tem o sentido da arte, possui sensibilidade artística e cultura. Portanto, não lhe faltam qualidades para vencer. Infelizmente, falta a Igrejas Caeiro o mesmo que falta a alguns outros jovens artistas que, muito embora saídos do Conservatório carregados de teorias, não encontram cá fora o

conselho aplicado à pratica, a experiência de experimentados ensaiadores. Todos nós sabemos muito bem que há teatros onde os papéis são abandonados aos artistas, sem um conselho, uma orientação, uma explicação do que «são». Cada qual — e, às vezes, com que soma de ignorância! — tem de fazer aquilo que lhe parece e que nem sempre é o melhor. Igrejas Caeiro, pela sua cultura, não cai, naturalmente, nestes alçapões: mas falta-lhe técnica e experiência para fazer o que deve. Quanto a mim, um dos maiores defeitos deste jovem artista é «comer» as últimas sílabas das palavras — defeito que, aliás, se sente também quando está ao microfone. Enfim, creio que Igrejas, um «perfeito actor», deve aspirar a ser um «actor perfeito». Para isso, bastará que atente em si próprio e que lhe dêem papéis de acordo com o seu físico e o seu temperamento. Vi-o recentemente numa peça em que nos pareceu descobrir nêle artista de um cómico gracioso: era quando desmascarava o Ribeirinho...

## A DELINA REAPARECEU... — EMBORA POR UM INSTANTE NUM PALCO DE AMADORES!

**A**DELINA Abranches ressurgiu, há dias, num palcozinho de amadores: foi ao Ateneu Comercial fazer um papellino de nada, numa peça escrita por sua filha Aura — «Mensagem pessoal» — de homenagem a Charles Oulmont. Quando Sacramento veio anunciar que Adelina não tinha «papel», mas que tinha querido, por força, tomar parte na representação e na homenagem — o público ficou ligeiramente desapontado. Mas, enfim, la rever essa extraordinária e querida grande figura da cena portuguesa! E, quando ela apareceu em cena, Adelina, simples, comovida até às lágrimas, agradeceu de pé uma ovacão enorme, enormíssima e vibrante que parecia não terminar!

Oh! grande e querida Adelina — que saudades de outras quentes ovacões, a não querer terminar...

Pois, ainda nessa noite, Adelina foi tão natural, tão simples, tão humana, que foram para ela as melhores palmas. A seu lado, Aura Abranches numa peça simples, tão comunicativa — tão artista, Dulce de Oliveira, Manuela Bonito e Joaquim de Oliveira, completaram o naipe de representação, onde colaboraram alguns artistas amadores. Constant Rocha e Linda Rosa completaram o espectáculo — vemos-nos num dos seus bonitos números de dança — de homenagem a Charles Oulmont que, em breve, regressará ao seu país.



# 2<sup>DO</sup> INTERPRETAÇÕES AMOR

A primeira escultura é de Vickey, intitula-se «A irmã e o irmãozinho». É uma manifestação do amor-sentimento, simplicidade e ternura, um poema da natureza humana. A segunda escultura é de Canto da Maia e intitula-se «Felicidade». É o amor na sua divinização da carne. São diferentes os autores e os assuntos. Mas, talvez porque ambos simbolizam ternura, não existe aqui a aproximação de expressões e de atitudes?



## Rádio

### JOSÉ CASTELO REGRESSOU À PÁTRIA

DEPOIS de ano e meio de actuação ao microfone da B.B.C. de Londres, José Castelo regressou ao convívio dos seus amigos — todos nós os que o ouvimos e aplaudimos. O popular locutor do Rádio Clube Português, compositor, poeta e organizador de tão engraçados programas infantis, regressou para se tratar, pois o médico recomendou-lhe esta viagem de repouso. Mas, José Castelo, que suspirava em Londres pelo céu de Portugal, já anda a suspirar pelo nevoeiro de Londres...

De modo que, assim que chegar a saúde que lhe falta, o amigo da petizada e de todos nós os que o ouvimos, voltará a Londres, onde soube conquistar amizade, popularidade e um bom nome de português.



nhecido escritor Ramon Escobato, que a Portugal e aos portugueses dedica a melhor amizade, como ainda recentemente o demonstrou numa conferência realizada na Escola Oficial de Jornalismo, de Madrid.

A emissão portuguesa de Rádio Nacional de Espanha emittida diariamente em onda média de 395,5 metros, correspondentes a 1022 kilociclos, é chefiada pelo jornalista espanhol Figueira de Oliveira, e nela actua como locutores, o nosso correspondente naquela cidade, Luiz Quadros e Maria Eduarda Martins Correia, esposa do conhecido escultor Martins Correia.

Bem haja Rádio Nacional de Espanha por mais esta prova de amizade pelo nosso país, a favor de um maior interesse de intercâmbio radiofónico luso-espanhol que servirá para estreitar mais os bem amistosos laços que unem já as duas pátrias.

## UM PROGRAMA DE RÁDIO EM ESPAÑA DEDICADO A PORTUGAL

NO passado dia 5, Rádio Nacional de Espanha deu início a uma emissão especial para todos os países de língua portuguesa. Esta emissão, recebida com a maior simpatia pelo nosso público rádio-ouvinte, é devida ao chefe de programas de «R. N. E.», o co-

## UMA SIMPÁTICA INICIATIVA

RAUL Dias e Pedro de Andrade estão hoje à frente de uma casa editorial da maior projecção. Ao seu esforço, ao seu belo espírito de realizadores se deve um grande movimento, editorial — estímulo à produção portuguesa, divulgação de obras estrangeiras — e que, neste lugar, nos apraz reconhecer. Uma das suas últimas iniciativas é, precisamente, a criação de uma grande filial da Portugália Editora — a casa de que são sócios-gerentes — na capital do Norte. Depois do desenvolvimento editorial que trouxeram ao nosso meio — e não nos esqueçamos das exposições do

## VAMOS LER...

Do dr. Santana Dionísio, o 3.º volume do «Guia de Portugal», continuação do belo trabalho delineado e principiado pelo falecido Raúl Proença.

\*\*\* Uma tradução, em inglês, de um livro do dr. Almerindo Lessa, sobre dadores de sangue.

\*\*\* «Ilha dos Indesejáveis», o novo romance de Rocha Martins que, ainda este ano, apresentará «História das grandes revoluções».

\*\*\* De Carlos Sombrio, mais um livro de novelas ainda sem título.

\*\*\* «Almas mortas», de Gogol, traduzido por Isolino Ramalho e editado pela Editorial Gleba.

\*\*\* Um livro de crónicas de Nita Lupi, ainda sem título.

\*\*\* De Afonso Ribeiro, o novo romance «Passageiros sem bilhetes».

livro promovidas — esta livraria, que ficará na rua 31 de Janeiro, disporá de um gabinete de leitura e de um salão de exposições, segundo o risco do arquiteto Artur de Andrade. Possivelmente, a inauguração de tão bela iniciativa far-se-á a 15 do corrente.



## BEIAS letras

### ALVES REDOL FEZ-SE BARQUEIRO PARA SENTIR MELHOR A VIDA DOS DURIENSES

AQUI há tempos, os amigos de Redol perguntaram:

— Onde está o autor de «Avieiros»?

Misteriosamente, sem dizer onde ia, Redol tinha saído de Lisboa, fóra meter-se num ninho de barqueiros, desses que dia-a-dia percorrem as águas turvas do Douro. E foi um jornal do Porto — «A Tarde» — que revelou o mistério, numa entrevista com o festejado escritor. Encontraram-no a ajudar à descarga de 16 pipas de vinho tratado, transportadas num erabêto. Estava descalço, trazia a sua inseparável bóina basca e vestia uma grossa camisola de lã...

O jornalista, naturalmente, como os leitores, ficou admirado. Mas Alves Rodel explicou e ninguém poderá deixar de compreender:

— «Fiel ao meu método, vim instalar-me na região em que vivem, sofrem e lutam as minhas personagens».

Alves Rodel não inventa: vive a vida da gente que se move nos seus romances. E, para isso, tem que sofrer as durezas da sua existência. Agora, que vai escrever um romance sobre a vida trágica dos barqueiros do Douro — lá anda ele na sua faina, rio abaixo, rio acima, do Porto à Porto-Manso. Foi ao Cachão da Baleira, onde morreu o barão de Forester, guarda apontamentos, inearna aqueles tipos bíblicos e aguarda o momento de escrever a sua epopeia do trabalho humilde dos barqueiros...



NÃO SE FALA NOUTRA COISA!

# QUAL SERÁ O RESULTADO? PORTUGAL-ESPANHA

**L**ISBOA tem uma preocupação. Uma preocupação séria, motivo de inúmeras conversas, de imensas conjecturas, de graves pensamentos — é o próximo Portugal-Espanha em futebol. Abençoada Lisboa esta que, numa hora incerta e trágica, é capaz de «sentir» tão profundamente a próxima competição desportiva. E porque o caso está a tomar foros de epidemia, dos «cafés» à rua, da rua às casas de família, coligimos nesta página algumas previsões sobre o famoso encontro que vai realizar-se no domingo, no Estádio Nacional.

PORTUGAL ● ESPANHA

— FOMOS NÓS HOJE PREGUNTAR...



O mundo desportivo conhece-o tão bem como o meio forense. É um dos mais ilustres caudiscos da nossa terra — o dr. Campos Coelho — e um «furioso» defensor do pontapé na bola. A primeira pergunta, atalha logo:

— Então eu vou daqui a Espanha para assistir aos desafios, e não havia de ir ao Estádio? Claro que vou! E já tenho os bilhetes!

— E a respeito de resultados?

— Ora, ganhamos, com certeza! Digo-lhe isto, porque confio nos dirigentes da bola, porque acredito nos nossos rapazes, na sua preparação e, vá lá, por uma questão de patriotismo. Ai uma coisa como... 2 a 1...



Pelo telefone, comunicamos com Carlos Ferrão:

— Vai ao Portugal-Espanha?

— Claro, meu amigo! Já cá tenho o meu «peão». E estou encantado porque me disseram que no Estádio os «peões» são sentados! É o único desafio em que não joga o «Belenenses» e a que eu não podia faltar!...

— E quanto ao resultado?

— Prevejo uma vitória espanhola por um elevado «score». Ai uns 5-1...



«Tia Maria» — conhecem-na todos os que se interessam pelo desporto. Apaixonada pelo Benfica, já acompanhou os ciclistas numa volta a Portugal, conduzindo ela própria o seu automóvel — foi no tempo em que o Nicolau era famoso...

— Não, não vou à bola, e escuso de lhe dizer que tenho pena... Quando dei por mim já não havia bilhetes e os que se arranjam agora custam um dinheirão!

— E quem ganha?

— Quem jogar melhor!... Quere dizer: às vezes não é assim. Verdade, verdadinha, estou convencida de que os espanhóis levam a melhor, aí por uns 4 a 2...



É ainda pelo telefone que chamamos Francisco Franco — cerca de cinquenta anos de futebol, todos dedicados ao Sporting, ainda mesmo antes de nascer... Perguntamos-lhe à queima-roupa se vai ao encontro, e ele responde:

— Então não havia de ir? E preveni-me com tempo. Teria um dos maiores desgostos da minha vida, se não assistisse a este jogo! Sou um velho «lão»! Um «curso» furioso pela bola. Até adoecia, se não fôsse...

— E qual será o resultado do jogo?

— Bem vê... é difícil... Bom, eu inclino-me para um empate: 2-2!



Agora é Hermínia Silva, a querida e popular vedeta quem nos responde:

— Oh! filho, que pena, não assistir! Dano-me tôda, mas são raras as vezes as que posso ir a um desafiozinho. Mas, que quere, estou quâsi sempre a trãbalhar a essa hora... De modo que tenho de me contentar com o relato dos jornais...

— Bom, mas qual vai ganhar: a selecção portuguesa ou a espanhola?

Hermínia, que estava a completar o arranjo das malas, na sua partida para o Pôrto, levanta a mão, no seu gesto popular de um «he! pá!», e dá o seu palpite:

— Ganha Portugal por 3 a 1 ou mais!...



Encerramos este inquérito com Cândido de Oliveira. Não é por acaso que o pomos «a fechar». É porque é um técnico e jornalista. Quando perguntamos se «lá estamos caídos», diz:

— Nem se pergunta!

— E a respeito do resultado?

— Ah! isso não me pergunte. Palpites não há. Há eficiência e contingências. Ora, a primeira não se demonstra num encontro apenas mas em três ou quatro. Ai, sim, o que vence é o melhor. Quanto às contingências, bem vê... são imprevisíveis...

— Não quere, então, dar-nos o possível resultado?

— Não quero, não... Não posso!

E assim terminou este rápido auscultar dos palpites sobre o Portugal-Espanha.

2	1
1	5
2	4
2	2
3	1
?	?



**D**OIS aspectos da multidão, que é sempre igual — quer reunida numa competição desportiva, quer arrastada por um chefe político. Em qualquer dos casos, não há qualquer dos aplausos — os mesmos para o outro, passam a assobiar desdenhosamente...

# MUSEU DO TRABALHO

(Continuação da pág. 3.)

condições de produção, condições de vida incomparavelmente menos penosas do que as do passado.

Ignoro apenas, se junto às demonstrações de produção do trabalho manual e industrial, através das idades, no *Museu do Trabalho* — se desenrolam, acompanhando-as, anotando-as e ilustrando-as, as provas de inspiração, criação, invenção daqueles que, sem calos nas mãos, nem o bíblico suor no rosto, foram os que realizaram o trabalho mais alto e mais nobre — o de idealizar, pensar e conceber. É preciso, e em Portugal muitíssimo mais do que em nenhum outro país do mundo, pela visão simplista, restrita da maioria, que, junto do labor violento e respeitabilíssimo dos trabalhadores manuais, se assinala e avulta o dos trabalhadores intelectuais.

Aquêle que investiga, analisa, raciocina, sofre dores pungentes, amarguras dilacerantes, radigas sem par, a fim de arrancar do seu

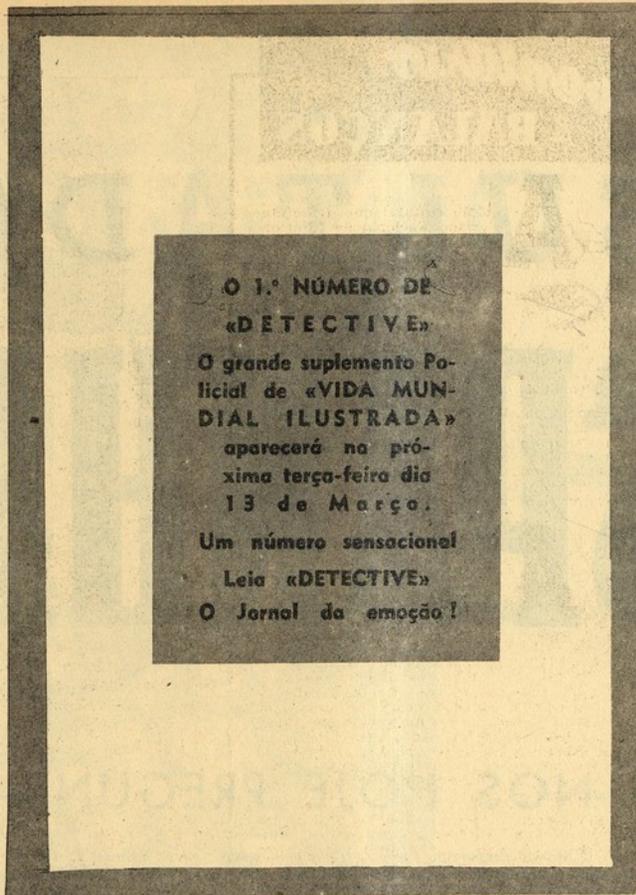
cérebro, da sua inspiração, da sua actividade, do seu sangue, a parcela que aos homens coube no sópro divino e pelo poder iluminante do talento descerra trevas e abre clareiras resplandecentes, ante a humanidade, não é menos digno da sacração universal de *trabalhador*, nos altares dos corações.

Infelizmente, o nosso povo — principalmente o rural, o fabricante — considera como janota parasitário, com inutilidade elegante, o trabalhador intelectual, porque traça com decência, se expressa em linguagem cuidada, apresenta as unhas limpas e as mãos finas.

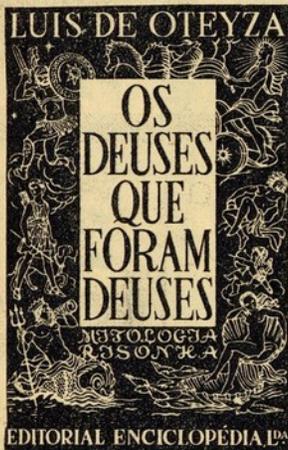
Os que ensinam, escrevem e curam; nos laboratórios estudam e dissecam; nos gabinetes indagam, confrontam, pensam, coligem e descobrem; nas secretarias, nos tribunais, nas repartições públicas, nos escritórios, nas redacções, nos quartéis, labutam, em conselheiros esgotantes; os que, sob o imperativo esmagador de responsabilidades, dirigem, fiscalizam e regem, são olhados pelo proletariado, com má vontade manifesta, por incompreensão e por ignorância. Em regra, ninguém cuida em elucidar os trabalhadores manuais do erro em que laboram. Ninguém lhes apresenta os arquitetos, os estatutuários, os músicos, os poetas, os pintores, os escritores, sacerdotes da Arte e que pela Arte vivem, se sacrificam e penam, como trabalhadores, criadores e produtores da Beleza que faz ascender a humanidade ao grau supremo da dignificação.

Por isso, me permito juntar à vibrante exteriorização do meu entusiasmo, estas ligeiras observações para que o *Museu do Trabalho* da *«Voz do Operário»*, ou antes — essa *Escola viva do Ensino Histórico* — o que, afinal, deveriam ser todos os Museus e não necrópoles de raridades, ou de curiosidades — alargue, se o não fez, as dimensões da sua obra pedagógica e altruista, até nela incluir noções claras do que é, e em benefício do mundo representa, o *trabalho intelectual*, em suas múltiplas facetas.

EMILIA DE SOUSA COSTA



O MAIS SINGULAR...  
O MAIS ATRAENTE...  
O MAIS IMPREVISTO-  
DE TODOS OS LIVROS...



À VENDA EM TODA A PARTE

Pedidos aos editores:

RUA ANTÓNIO MARIA CARDOSO, 33

LISBOA

## Sabia que os criados de café não são criados?!...

(Continuação da pág. 16.)

empregados entregam os cafés que eles quiserem; êsses senhores têm depois que pagar os cafés na caixa, por oito tostões cada um; se os vendem mais caros ao cliente, ou não, não tenho eu nada com isso, compreende? Geralmente, o cliente paga um café por dez tostões ao «criado»; ora, em verdade, êste não é mais que um agente de venda do meu estabelecimento, a quem eu não fixo percentagem alguma pela simples razão de estar ela assegurada pelo hábito, e de, em muitos casos, ser maior do que a que eu poderia fixar-lhe. É assim que se vendem aparelhos de T. S. F., automóveis, esquentadores, bicicletas — quasi tudo, afinal! E nunca ninguém perguntou se era anti-social ou vexatório que os agentes das casas que vendem aqueles artigos conseguissem que os seus compradores lhes pagassem a eles um preço superior àquêl por que lhe são debitados os objectos...

Perante isto, voltámos à Redacção, verificando melancolicamente que tínhamos «falhado» — o inquérito não fôra positivamente relâmpago... Conso-luamo-nos, porém, porque outras coisas que são anunciadas como «relâmpago» duram afinal anos e anos — e êste inquérito não demora a ler, apesar de tudo, mais que alguns escassos minutos... E quanto a saber quem tem razão neste assunto da gorgeta dos criados ou da comissão dos revendedores, lavamos daí as nossas mãos: apenas quisemos ouvi-los, a uns e outros, e contar aos nossos leitores o que nos disseram.



DRAMA POLICIAL

—Preguntam quantos contos V. Ex.ª quer dar para que lhe restitua sua esposa...  
—Pregunte primeiro quanto querem para ficar com ela...

## História da Guerra

(Continuação da pág. 17.)

começaram a fazer estragos cada vez mais sensíveis entre a população belga.

As dificuldades cada vez maiores de comunicações e a falta de material circulante contribuíram também para agravar a situação económica e alimentar do país.

Com o início da campanha da Rússia, a Alemanha requisitou a quasi totalidade do material circulante dos caminhos de ferro belgas. Depois da primeira campanha de inverno pode dizer-se que o que restava desse material foi enviado para o Reich. Em Junho de 1942 não havia na Bélgica senão setenta mil vagões de mercadorias. Em Agosto êste número baixou para cinqüenta mil, e em Novembro estava reduzido a vinte mil. Em compensação, o número dos vagões desta espécie que se encontravam ao serviço do Reich aumentava proporcionalmente. Nos três meses a que nos referimos, Julho a Setembro de 1942, aumentou de mais de quinze mil.

As exigências gerais da guerra e, sobretudo, as exigências incessantes da campanha de leste levavam as autoridades de ocupação a relegar para segundo plano as necessidades vitais do país ocupado. O que se passava com a economia e com a alimentação passava-se igualmente com os transportes. No seu conjunto, a população sentia pesadamente a ocupação e os seus efeitos. Nos anos que se seguiram a 1942 êstes efeitos não deixaram de se agravar. O agravamento traduzia-se por um recrudescimento da actividade dos homens de resistência e por um aumento aterrorador do número de sabotagens. A sabotagem passou a ser um dos métodos mais eficazmente usados pela resistência sob a direcção de organizadores decididos.

(Continua)



# inventário & BALANÇOS



**A** acção cultural que o Secretariado Nacional de Informação e Cultura tem desenvolvido nos últimos anos, deve agora juntar-se, como sendo das mais eficazes — pelo menos naquilo que é possível confinar-se ao domínio da previsão — este de mandar por esse país fora uma biblioteca ambulante, recheada de livros que muitas vezes não estão ao alcance da maioria dos leitores da Província.

Depois do Teatro do Povo e do Cinema Ambulante, a Província, mais perto agora de um mundo em evolução e progressividade, vai ter as boas leituras. De certo, as camadas a atingir já não são aqui as mesmas. Mas nem por isso o objectivismo da obra deixará de merecer o mesmo entusiástico aplauso.



**A** Carris é a «vedeta» n.º 1 do público e da Imprensa. Não porque seja a mais querida — mas, precisamente, porque é a maior detentora de alvos críticos, aquela que mais dá razões de queixa à comunidade alfacinha. E, assim, como é lícito supor, todos os dias surgem alvites, ao lado dos protestos, contra a falta de transportes, o rípio com que os carros investem por essas ruas mais ou menos movimentadas, em desfavor das necessidades do público. De que poderes, porém, se investe a Carris para se sentir no direito de tão pouco zelar pelos interesses públicos, confiados honestamente à sua guarda?

É vexatório o que se passa. Os poderes públicos deviam fiscalizar o movimento do pessoal — a Carris sente-se no direito de não lhe dar horas extraordinárias! — os horários, tudo o que pudesse servir de malha por onde se escapassem os deveres da Companhia que usa das regalias de «utilidade pública»...



**D** ISSEMO-LO já no último número: *Vida Mundial Ilustrada* vai iniciar a publicação de uma série de artigos notáveis, assinados pela pena do ilustre escritor belga sr. Pierre Goemare. Trata-se de um trabalho de fôlego que inseriremos em dezóito números, e em que «Os espíões de guerra» — tal é o título geral da obra — avultam em toda a expressão da sua vida sombria. Nesses dezóito capítulos, compreendem-se-ão os sub-títulos: «Espionagem de ontem e de hoje»; «A espionagem perante a moral»; «Eficiência da espionagem»; «Armas secretas»; «Tinta simpática»; «Mulher, o Dandy Rowland, espião por amor»; «Um alfinete pode perder um homem»; «Selos e pequenos anúncios»; «A bengala de Mr. Archibald»; «O espião-correio de Nantes e o homem de Paris»; «As sereias e a mulher que muito gostava de ovos»; «História da Bela Lizzie Werthelm»; «O duplo espião»; «Marta Richer, a sereia francesa»; «Ema Stubert, aquela que brincava com o coração»; «Mata-Hari foi prevenida duas vezes»; «Fraulein doktor, professora de espionagem».

Pelo enunciado, o leitor compreenderá que vai estar em presença de um trabalho sério e empolgante, correspondente a um grande volume.



O sr. ministro do Perú, sr. dr. Carlos Holguin, entregou, há dias, as suas credenciais, junto do Governo Português, com o cerimonial do protocolo e num ambiente de simpatia, imposto pela amizade que liga os dois países.



A bola, a competição Portugal-Espanha é o assunto dominante. Aqui, a nossa rua, onde está a Federação, que tomou a seu cargo a venda de bilhetes, teve uma animação que nunca conhecera. A nossa porteira mora aqui há 20 anos e nunca viu tanta gente nesta rua! A barulheira sobe à nossa redacção, às vezes surpreendem-se cenas engraçadas... Ainda há dias iam arrancando o casaco a um contratado que já não tinha bilhetes de «exploração» e se escapulia no meio da turba! Grande coisa é o futebol — e a bicha dos bilhetes!

Os cinco realizadores portugueses que se reuniram a semana passada para tratar do momentoso problema que surge para o cinema português — o filme comemorativo do cinquentenário de apresentação do primeiro filme de Lumière. Bem queríamos nós dar aos leitores uma reportagem dessa reunião, a todos os títulos interessante; não o compreendiam assim os cineastas, que não quiseram que os jornalistas assistissem à conferência... Fomos, depois, e por amabilidade de um deles, amigo nosso, oferecido um «comunicado» da sessão mas, infelizmente, não é nossa norma publicar comunicados oficiais...



«O falso anti-patriotismo de Eça de Queiroz» foi o tema da conferência que o sr. Gomes da Silva, crítico de arte, realizou, há dias na Casa do Aletejo. A seu lado, a declamadora sr.ª D. Manuela Reis, ilustrou as palavras do conferencista, com algumas leituras do autor de «Os Maias».

## Errata ilustrada..

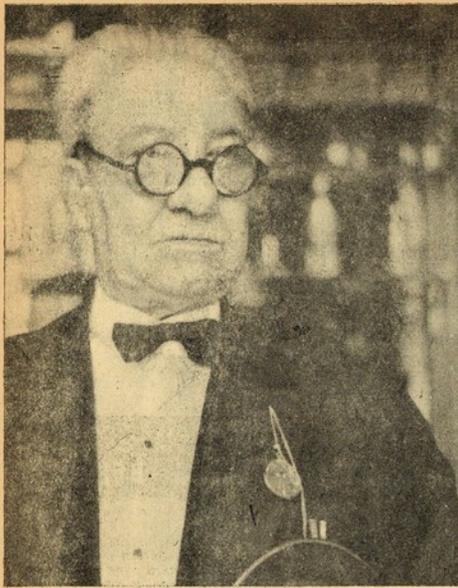


**N**O nosso último número, numa passagem sobre o dr. Lopes de Oliveira, supõe-se que ele diz: «Quando estou muito tempo doente ou quando sou prêso, rapo o bigode...».

Houve um lapso; o que o dr. Lopes de Oliveira disse, foi: — Quando estou bastante tempo doente ou quando sou prêso, deixo crescer as barbas...

De facto, dias antes de o entrevistarmos — apenas com aquele farto bigode, que nunca cortou, nem para se disfarçar em qualquer aventura política de antanho — encontramos-lo à saída da junta médica... E os leitores podem ver como o surpreendeu a objectiva fotográfica: ei-lo!

UM INQUÉRITO RELAMPAGO!... MUITO COMPRIDO!



O «XOÃO FRANCO», DA «BRASILEIRA» DO CHIADO. ACTUA QUE NÃO TEM NADA A DIZER...

# A GORGETA É ANTI-SOCIAL?

MAS SE NÃO FÔR GORGETA E FÔR COMISSÃO?

## SABIA QUE OS CRIADOS DE CAFÉ NÃO SÃO CRIADOS?!

**D**

EVE ou não dar-se gorgeta aos criados de café?

O problema tem sido debatido em todos os tons, desde o conselheiro ao de certos sociólogos baratos, desde a maneira séria até à ridícula. Nós quisemos também, como é natural, abordar o momentoso assunto; para tanto, fizemos um inquérito-relâmpago entre os interessados — que são, a nosso ver, quem deve emitir o seu parecer sobre o assunto; ou, pelo menos, aquêles cujo parecer nos interessa registar...

Depõem neste inquérito ultra-rápido, um criado de café, um «groom» — um desses garotos a quem agora chamam «paquetes», embora nada tenham de trasatlânticos... — o gerente de um café e dois clientes. Se o caso interessa a mais alguém, não sabemos; o que sabemos é que a ninguém pode interessar mais directamente do que a estas pessoas.

O «Xoão» Franco, da «Brasileira» do Chiado, trouxe-nos uma «bica» bem quente — «radioactiva», como êle diz — e segredou-nos qualquer coisa sobre política internacional — qualquer coisa que não vem ao caso... Em vez de corroborarmos a sua opinião, preguntámos:

— O João? parece-lhe que vocês devem receber gorgeta, ou não?

— Olhe, meu caro senhor, eu lhe digo... Ou antes: eu não lhe digo...

— Não diz?

— Não, não digo nada... Sabe? É que depois o senhor publica, e... Já uma vez dei uma entrevista, e lá sendo o diabo! Não, não lhe digo nada a êsse respeito...

— Mas, então?

— E, de mais, eu sou estrangeiro: sou galego!

Não tenho que dar leis numa terra tão hospitaleira como esta, e onde o que não faltam é homens de leis! Não lhe parece?

Perto de nós passava um miúdo, com ar esperto e atilado, que todos os clientes do estabelecimento conhecem por ser exímio em fazer recados.

— Olha lá: tu gostas que te dêem gorgetas, ou antes querias um ordenado?

— E quanto é que me davam de ordenado? — perguntou êle, numa desconfiança.

— Não sabemos...

— Assim, sem saber quanto, não posso responder. Mas, o melhor, o melhor, era o ordenado e as gorgetas...

A saída encontrámos dois amigos nossos conversando a uma das mesas: Alberto Gusmão Navarro e Judah Benoliel. Dois antigos fregueses do café, o primeiro comerciante e coleccionador; o segundo, repórter fotográfico, filho do primeiro homem que teve essa profissão na nossa imprensa.

— Que me dizem os senhores: são pela gorgeta, ou contra a gorgeta, no que respeita aos criados de café?

— Sou pela gorgeta, enquanto acontecer que se êles não tiverem gorgeta não têm nada... — respondeu-nos o apaixonado de antiguidades.

O «repórter» aquiesceu, e acrescentou:

— Sim, enquanto não puderem pagar-lhes bem...

— Enquanto não quiserem pagar-lhes bem... — emendou o nosso amigo coleccionador, que, como se vê, não colecciona só objectos de arte mas também casos de propriedade de linguagem...

Beloniél, sempre fluente e explícito, prosseguiu: — Que eu acho a gorgeta indecente; mas é, por agora, a única solução.

O fotógrafo tinha disparado a máquina, e nós prometramos fazer um inquérito-relâmpago. Assim, agradecemos aquêlas frases e dispusemo-nos a enfrentar uma entidade patronal — único interessado que não depusera alinda. Descemos o Chiado. Como sempre, subiam mulheres bonitas,

**DEPÕEM:**

Um «groom», um criado (?) de café, dois clientes e um gerente!

davam-se encontrões, havia grupos elegantíssimamente parados no meio dos passelos a falarem de Tótos e de Nénés — e umas garotas ofereciam raminhos de violetas. Este Chiado...

Encontrámos o senhor Custódio do Carmo, empregado-gerente do Café Chiado, lá ao fundo, vigilando sempre solícito e atencioso, o movimento de casa.

— Acha que os criados de café devem receber gorgeta, ou ordenado?

O interpelado mira-nos como se pretendessemos devassar-lhe o mais íntimo da alma com intuitos inconfessáveis. Mas, passado o primeiro instante de surpresa, e porque somos conhecidos velhos, uma calma conflante espalha-se-lhe no rosto, e responde:

— Nos cafés, não há criados.

— Perdão...

— Não. Quem serve o café aos clientes são pessoas que no-lo compram a nós, ao balcão. São, portanto, intermediários entre nós e o público, e não empregados nossos. Ora, não sendo empregados, não têm que receber ordenado... Isso a que o senhor chama gorgeta, e a que eu chamo comissão, é corrente em todo o comércio, e dela vivem os intermediários de todos os negócios.

Após uma curta pausa, a elucidação pormenoriza-se:

— Há uns tantos senhores a quem os meus

(Continua na pág. 14).

ESTE É O ALVARO, O «GROOM» MAIS RÁPIDO E MAIS ESPERTO DE LISBOA.

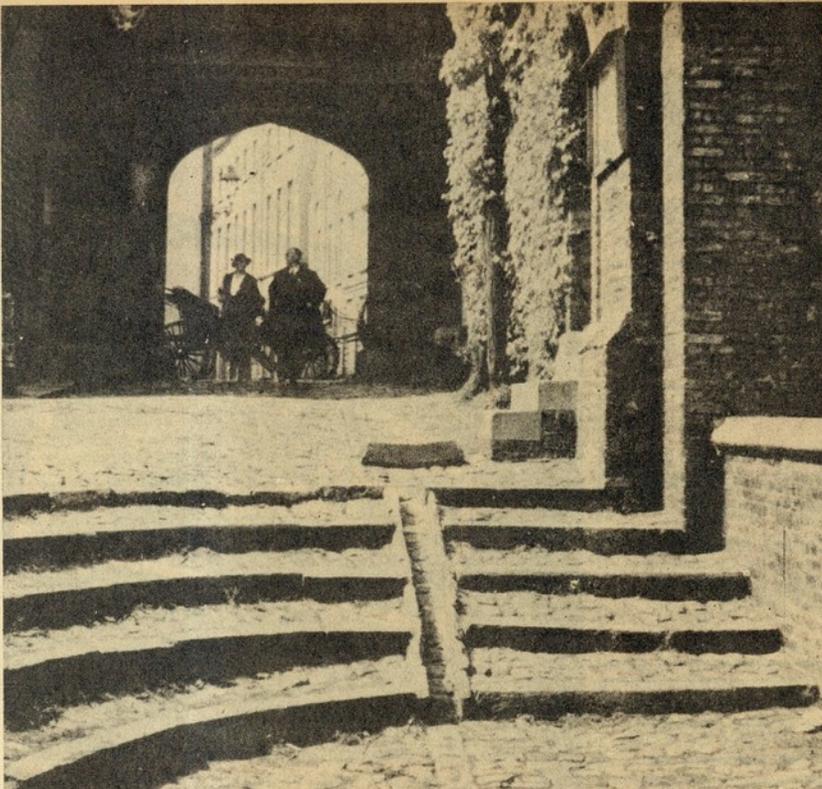


UM ANTIQUÁRIO E UM «REPÓRTER» FOTOGRAFICO TAMBEM NOS TRANSMITIRAM AS SUAS IMPRESSOES.



— POIS É O QUE LHE DIGO: UM CRIADO DE CAFÉ... NÃO É CRIADO!





Bruges, a cidadezinha romântica dos pintores e dos poetas, foi um dos burgos que menos sofreu com a ocupação.

**A**s deportações tiveram lugar, em tôdas as províncias, numa escala apreciável, sem distinção de idade ou de profissão. Mas foram especialmente mais numerosas na Flandres e em Bruxelas. Entre os deportados figuravam alguns que eram chefes de família e antigos prisioneiros de guerra. Os operários entre os 18 e os 40 anos foram dos que mais sofreram, dadas as exigências da mão-de-obra alemã. Na região de Liège, 60 a 80 % dos operários com menos de 35 anos foram enviados para o interior do Reich.

Esta decisão abrangeu mesmo aqueles que já trabalhavam, em território belga, para a máquina de guerra alemã ou para as indústrias que interessavam directamente ao ocupante.

Os operários da construção civil eram, em geral, enviados para o campo de Eisenborn onde eram empregados a fazer construções que depois seguíam para a Noruega.

A alimentação e a instalação desses operários deixavam bastante a desejar. A família de cada operário deportado (mulher e dois filhos) recebia em média 150 francos semanais, o que era manifestamente insuficiente para a satisfação das suas necessidades mais elementares.

Nas últimas semanas de Novembro de 1942 o envio de operários para a Alemanha intensificou-se. Em duas semanas foram organizados, para este efeito, quinze comboios que seguiam com alguns milhares de operários de tôdas as profissões. Os subterfúgios, em geral, não evitavam a deportação, pois as medidas adoptadas pelas autoridades de ocupação eram extremamente rigorosas. Numa oficina de Bruxelas, por exemplo, pela aplicação estrita da lei das quarenta e oito horas de trabalho, a empresa licenciou 65 operários velhos que não podiam ser deportados. Para obviar a este inconveniente as autoridades de ocupação determinaram o regresso desses 65 operários velhos e fizeram-nos substituir por um número igual dos mais novos que seguiam para a Alemanha.

Estas medidas, que inicialmente foram objecto de larga controvérsia, não deixaram de se agravar com o decurso do tempo. Depois de 1942, e sobretudo em consequência das perdas sofridas durante a campanha da Rússia, as requisições de mão-de-obra tornaram-se cada vez mais numerosas na Bélgica e levaram muitos dos indivíduos abrangidos por elas a ingressar no movimento de resistência como solução para as suas dificuldades.

## A SITUAÇÃO ECONÓMICA DO PAÍS

A Bélgica representava para a potência ocupante um despojo de alto valor. Depois das requisições de reservas alimentícias feitas em nome das necessidades da condução da guerra e depois por virtude da cotação artificial da moeda local (o marco cotado a 12 francos e 50), o pagamento da indemnização de ocupação e as multas aplicadas a indivíduos e localidades acusados de vários delitos passaram a constituir uma fonte permanente de receita. Finalmente, as autoridades de ocupação a exemplo do que aconteceu em vários outros

países, depois de terem recusado a actividade de várias empresas industriais, aquelas que mais eficazmente podiam contribuir para a sua causa, instituíram um sistema de «clearing» para as trocas comerciais que, a breve trecho, revelou ser altamente prejudicial para a economia do país ocupado.

Os primeiros trinta meses de ocupação custaram à Bélgica 130 bilhões de francos. A dívida pública daquele país, em cento e dez anos que decorreram desde a proclamação da sua independência (1830) até à ocupação (1944) somava 59 bilhões de francos. Isto significa que em dois anos e meio aumentou de 110 %.

O «clearing» entre a Alemanha e a Bélgica salda-se, em fins de 1942, por uma soma de 22 bilhões de francos a favor da Bélgica. Este saldo aumentava, nessa altura, à cadência de 500 milhões de francos por mês. As autoridades de ocupação recusavam-se a amortizar este débito e mesmo a estabelecer uma compensação para o pagamento da indemnização de guerra. De facto, esses 22 milhões de francos representavam o valor das mercadorias belgas que as autoridades de ocupação enviaram, durante esse período, para a Alemanha.

Com a Bélgica acontecia exactamente o mesmo que com a Holanda e a Noruega. Todo o serviço de «clearing» entre o Reich e estes países era feito por intermédio dum organismo central, criado especialmente para esse efeito, e cuja sede era em Berlim, no qual todos os créditos dos países ocupados eram congelados.

Em consequência das requisições, contínuas e maciças, feitas à indústria belga, os artigos de primeira necessidade começaram rapidamente a faltar no mercado interior. O calçado, por exemplo, desapareceu quasi por completo logo nos primeiros meses de ocupação. A indústria têxtil, florescente na Bélgica à data da ocupação, decaiu, baixando a sua produção de cerca de 80 %. Para esta indústria, a falta de matérias-primas reduziu já anteriormente a capacidade de produção desta indústria de cerca de 25 % quando se iniciou o período de crise mais grave.

## AS INDÚSTRIAS BELGAS

A produção de carvão diminuiu igualmente de cerca de 45 %. Um grande número de mineiros foi deportado para a Alemanha e a produção carbonífera decaiu numa proporção que variou entre 15 e 35 %. De resto, os mineiros que ficaram, devido à insuficiência de alimentação, começaram a dar um rendimento cada vez menor.

A produção da indústria metalúrgica pesada caiu, igualmente, de cerca de dois terços. Esta redução bastava para demonstrar que, apesar dos esforços dos alemães para fornecerem a esta indústria as matérias-primas necessárias, não foi nunca possível fazê-la trabalhar a pleno rendimento. Por

Antuérpia foi uma das cidades mais castigadas da Bélgica. As necessidades da guerra desencadearam a fúria dos bombardeamentos de libertadores e ocupantes. Esta é a igreja de Burch, perto de Antuérpia, e que ficou destruída.

# HISTÓRIA da nova GUERRA MUNDIAL

POR CARLOS FERRÃO

## CAPÍTULO XXVI PAÍSES OCUPADOS—BÉLGICA

um lado a deportação de operários especializados e por outro a sabotagem realizada em larga escala contribuíram poderosamente para que se verificasse a baixa a que nos referimos, a qual se acentuou depois de 1942.

Com o agravamento da situação económica coincidiu o agravamento crescente da situação alimentar. Informações fidedignas mostravam já, em fins de 1942, como as reduções sucessivas nas rações alimentares acabaram por se traduzir no estado geral da população.

O racionamento cotidiano, oficial e teórico, fornecia a cada adulto aproximadamente 55 gramas de proteínas, 20 gramas de gorduras e 260 gramas de hidratos de carbono, ou seja o equivalente de 1380 calorias. Para as crianças e para os adultos estes números eram, respectivamente, de 42 gramas de proteínas, 25 gramas de gorduras e 270 gramas de hidratos de carbono, ou seja o equivalente de 1450 calorias. O «deficit» alimentar era, como se vê, apreciável, pois a ração normal dum adulto é de 70 gramas de proteínas, 50 de gorduras e 350 de hidratos de carbono, equivalentes a 3.300 calorias. Estes números são considerados indispensáveis para a actividade dos trabalhadores manuais.

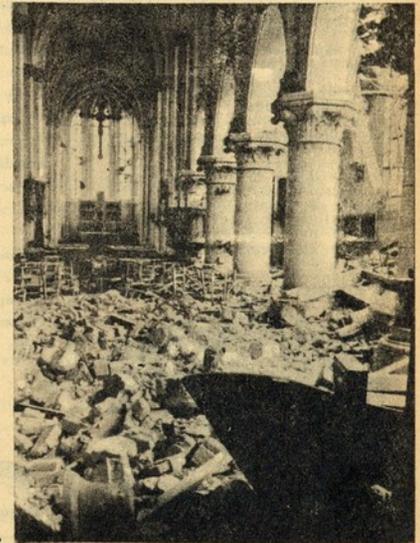
Normalmente para um adolescente são necessárias as seguintes quantidades: 80 a 120 gramas e um total de calorias nunca inferior a 2.400 ou 2.600. Durante a guerra de 1914-18, a ração-tipo estabelecida para os habitantes da Bélgica era de 2.230 calorias.

## O PROBLEMA DA ALIMENTAÇÃO

Compreender-se-á melhor a gravidade da situação alimentar na Bélgica durante esta guerra dizendo que a qualidade e as quantidades das rações alimentares fornecidas à população não se comparavam, de longe sequer, mesmo com aquelas que durante a última fase da primeira conflagração, quando as dificuldades criadas pelo bloqueio já se faziam sentir pesadamente, essa população recebia. Os relatórios clínicos fornecidos depois de 1942 sobre o estado sanitário da população, tanto da população adulta como da mocidade, começaram a tornar-se alarmantes.

O número de casos de tuberculose pulmonar aumentou de maneira aterradora. E as doenças provocadas pela falta de alimentação adequada

(Continua na pág. 14)



# UMA CONFERÊNCIA SEMI-OFICIAL PARA TRATAR DA POLÍTICA DO PACÍFICO

(Continuação da pág. 21)

pôde saber-se — as conferências foram secretas e não foi publicada qualquer «nota officiosa» — três pontos fundamentais foram ventilados: a sorte do Japão, a segurança colectiva e os regimes políticos a estabelecer no Pacífico. Eis o que se refere ao Japão: o armistício que puser termo às hostilidades deverá ser assinado pelo imperador e pelo gabinete militar nipónico; o imperador deverá ser deportado, definitiva ou temporariamente, logo que o país seja dotado de um regime democrático; a carta militar deverá ser quebrada e os grandes industriais figurarão entre os criminosos de guerra; restabelecimento do direito de reunir e de expressar livremente; desarmamento absoluto do exército, da marinha e da aviação militares; transferência da aviação militar

para a comercial — a favor das linhas aéreas aliadas; desarmamento de guerra: dissolução das sociedades secretas — particularmente o Dragão Negro — redução do povo, através de uma imprensa democrática; desmembramento do império japonês — amputação da Formosa, da Coreia, ilhas sob mandato, mencionadas na declaração do Cairo, arquipélagos das Kourilas e Klou-Siou, que seriam entregues às Nações Unidas, para ali serem estabelecidas bases aero-navais; e, enfim, pagamento de indemnizações, em mercadorias.

Falando sobre a segurança dos países asiáticos, o delegado de Nova Delhy disse a «Tam» — o jornal donde retiramos estas informações:

— De futuro, e desde que sejam postas em prática as nossas sugestões, a ameaça poderá mais facilmente vir do interior do que do exterior. Tomaremos precauções rigorosas, em matéria de segurança colectiva, para que os nossos interesses comuns não voltem a ser atacados.

## O Livro do Momento A PRIMEIRA ALIANÇA PORTUGUESA

por RAFAEL MARÇAL  
À venda em todas as livrarias  
Uma magnífica edição de  
VIDA MUNDIAL

## O FUTURO DOS SEUS FILHOS ESTÁ NAS SUAS MÃOS. O SEU TRABALHO ASSEGURA-LHES A VIDA

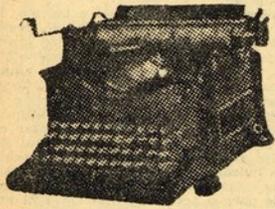


O seu dever é garantir-lho contra todos os possíveis desastres. Faça sem demora um Seguro de Vida e Accidentes Pessoais na

### PORTUGAL PREVIDENTE

CAPITAL E RESERVAS 17 MIL CONTOS  
SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

SEDE: LISBOA RUA DO ALECRIM DELEGAÇÕES: PORTO, COIMBRA, BRAGA E FARO



## A. C. Cardoso

Reconstruções e reparações em máquinas de escrever e calcular  
ORÇAMENTOS GRÁTIS  
COMPRA, VENDE E TROCA  
RUA ANTÓNIO PEDRO 24, 3.º-D.º.  
TELEFONE 52458

## Cabelos cheios de sol



«Lavalan-hulle», em cinco minutos apenas, transformará a sua cabeça. Os cabelos tornar-se-ão brilhantes, livres de caspa e saudáveis. Usado no banho, com cinco gramas apenas, consegue-se uma pele repleta de saúde e palpitante de beleza. Faça uma experiência. Frascos para 10800, 15800 e 25800. À venda nos bons estabelecimentos. Laboratório RUDY — Rua de Santo Ildefonso, 29 — Porto. Representantes em Lisboa: Agência Comercial F. V. F. L.ª, Rua dos Fanqueiros, 135, 3.º D.º. Telefone 4 3582.

## E O PERFIL DO SEU ROSTO SERÁ IMPECÁVEL DE BELEZA!

Ainda que o trabalho seja árduo e o desporto violento, o Oatine Cream garantir-lhe-á um parecer róseo de permanente beleza, que, no conceito do homem, constitui a essência da verdadeira formosura. O Oatine Cream é o produto mais científico,



o mais recomendado por médicos eminentes, como possuindo das propriedades indispensáveis ao alimento, conservação e restauração dos tecidos cutâneos, e sempre o preferido pelas mulheres inglesas.

À venda só nas boas casas, em bisnagos e boîtes de vários tamanhos. Durante o dia empregue Oatine Snow o creme oxigenado, que dá à cutis um aveludado de incomparável beleza.

## Oatine

Depósito: Trav. do Cotovêlo, 37

Composição: Mentolum 8 grs. — Methylum Salicylicum 8 grs. — Lanolinum Anhydricum 16 grs.



### O mais antigo Analgésico de resultados seguros

Um medicamento que deve existir em todas as casas. Alívio rápido, após a primeira aplicação.

À venda em todas as farmácias do País. — Escudos: 15\$00

Para uma camisa chic só

# Casanova



O camiseiro do homem distinto

Rua da Palma, 69 — LISBOA — Tel. 21457



# O PREGUIÇOSO

CONTO DE EMILE HORNING  
UMA ADAPTAÇÃO DE  
METZNER LEONE

**G**AUTHIER era um preguiçoso nato. Como os pais tivessem exigido que entrasse num colégio a fim de domarem o seu carácter difícil, ele decidira não fazer nada, não estudar uma linha. Aquêlê colégio horrorizava-o, e jurara a si próprio nunca lá abrir um livro ou escutar atentamente uma só lição. Bem depressa se tornou um Mestre... na arte de perder tempo. Nas aulas, assobiava baixinho, olhava em redor, atirava bolas de papel, ou olhava com interesse apaixonado, através das janelas, o vôo ligeiro das andorinhas e a cavalgada das nuvens; estava longos minutos em contemplação diante do seu tinteiro, ou mirava distraidamente a caneta e a tábua da carteira, onde marcava os veios da madeira com a ponta aguçada do seu lápis que não sabia fazer contas. Involuntariamente, o garôto achava-se distante dos temas das lições e parecia não se incomodar nada com o desprezo que por êle manifestavam os bons alunos, aquêles que decoravam tudo o que era preciso decorar, que sabiam tudo o que era preciso saber, e que nunca estavam sem atenção às palavras do professor.

— Gauthier! É capaz de me dizer em que altura fomos? — perguntava o mestre, irritado com aquela perpétua indiferença.

O garôto, perdido nas divagações do seu sonho interior, caía das nuvens e nunca sabia nada: nem onde iam, nem do que se tratava...

A cada semana as suas médias eram mais desastrosas e mais deprimentes os comentários do mestre, que os bons alunos glosavam numa espécie de piedade pelo cábula incapaz. Geralmente, as apreciações oficiais do Colégio rezavam assim: «aluno preguiçoso, indisciplinado, de uma distração inconcebível. Não progride em nenhuma das matérias».

No final do semestre, esgotado o vocabulário depreciativo do professor, êste arranhou uma expressão sintética para classificar o cábula: «um triste aluno». Era o cúmulo! Nunca por aquêlê

colégio passara criança com tanta relutância e dificuldade em aprender!...

Mas Gauthier não era um incapaz. Interessava-se por mil coisas diferentes e observava com viva curiosidade muitas outras; simplesmente, nenhuma delas era objectivo das lições arengadas nas aulas...

Certo dia, o professor marcou os alunos uma composição, deixando-os escolher livremente o tema a tratar. O garôto, que casualmente ouviu anunciar aquêlê desusada forma de trabalho, ficou encantado com a liberdade concedida, e dignou-se trabalhar para a composição. Foi concedida à classe uma semana para preparar os exercícios, que deveriam depois ser lidos pelos seus autores, perante o mestre e os camaradas.

O dia da leitura chegou.

Cada um por sua vez, os rapazes subiam os três degraus do estrado onde estava a secretária do professor, e recitavam o que tinham escrito. Os assuntos eram os mais desenhados, mas todos reflectiam um pouco das recordações de cada um: ou uma excursão escolar ou uma visita a pessoas de família, ou alguns episódios de férias. E os rapazes llam-nos, ora com segurança, ora timidamente, consoante os seus caracteres.

Chegou a vez de Gauthier.

Mal o professor pronunciou o seu nome, uma quantidade de risos e risinhos percorreram a sala da aula, pois todos calculavam que êle não tivesse escrito nem uma linha. Que poderia êle ler-lhes? Que idéia teria germinado naquele cérebro, que nem as coisas mais simples do programa aprendera? Teria encontrado um tema? E que de imbecilidades êsse tema hipotético lhe teria sugerido?... Podiam esperar tudo daquele cábula, e, especialmente, prepararem-se para se rir à sua custa.

Gauthier subiu ao estrado.

Contra o costume, os companheiros repararam que êle, habitualmente indiferente àquêlê manifestações de compaixiva troca, parecia estar contrariado. Esta foi a primeira surpresa.

Numa voz mal segura, o garôto começou: «Um dia de chuva».

Espera! Sempre encontrou um tema! — pensaram os camaradas. E encostaram os cotovelos nas carteiras, avidamente debruçados para a frente, para não perderem uma sílaba daquele «ratinho»...

Chegou a segunda surpresa: muito vermelho ao princípio, Gauthier começou a ler. E fazia-o com uma voz estranha, emocionada, que não lhe era habitual e que espantava pelo seu tom de convicção. O que êle disse não fêz rir ninguém... Ao contrário, a classe inteira contagiou-se da sua descrição cheia de verdade, do tom convincente da sua voz, da

beleza e da observação de certas personagens dessa evocação em que palpitava uma personalidade ardente e uma estranha e poética magia...

Bruscamente, interrompendo aquêlê encantamento, o professor gritou-lhe:

— Gauthier! Não foi você quem escreveu isso!...

O rapaz atrapalhou-se, tornou-se lívido. Não encontrou palavras para contestar. E enquanto sentia todos os olhares cravados em si, sentiu ferver estranhamente a sua alma de criança. Rápidamente, sucediam-se no fundo do seu ser flagrantes imagens do tema escolhido: o desespero de certos dias de chuva, com as ruas desertas e lúsdias, animadas somente por um pobre cão vadio, transido, cosido com as paredes à procura de uma carícia ou de um abrigo; o péso enorme de um céu carregado de nuvens; as ventanias que empurravam as nuvens negras e agitavam o fumo saído das chaminés... Tóda essa melancolia o tinha impressionado tão profundamente que a passara para as páginas quasi sem esforço. Pela primeira vez, sentindo-se livre, tivera vontade de aplicar-se, de ser êle próprio... E estava bom o seu trabalho, pois mantivera os camaradas quasi extasiados, e o próprio mestre, porque o ignorava, o acusava de um plagiato! Uma onda de orgulho invadiu-o. Teve desejo de gritar a todos aquêles que o tinham desprezado, que eram incapazes de o conhecer, a todos êsses seres sem sensibilidade e sem imaginação que o rodeavam: são vocês os cábula, os inúteis...

Mas eis que um pudor incontrolável o emudeceu diante de tanta gente. Eis que através daquele seu trabalho, adivinhou que iam «descobri-lo», vê-lo até ao fundo, até aos seus sentimentos mais íntimos e mais secretos, até ao coração, até à sua alma... E teve vergonha de se entregar assim, de se revelar a todos aquêles olhos como se estivesse nu...

Baixou a cabeça, e murmurou timidamente, num suspiro:

— Não senhor, não fui eu que escrevi...

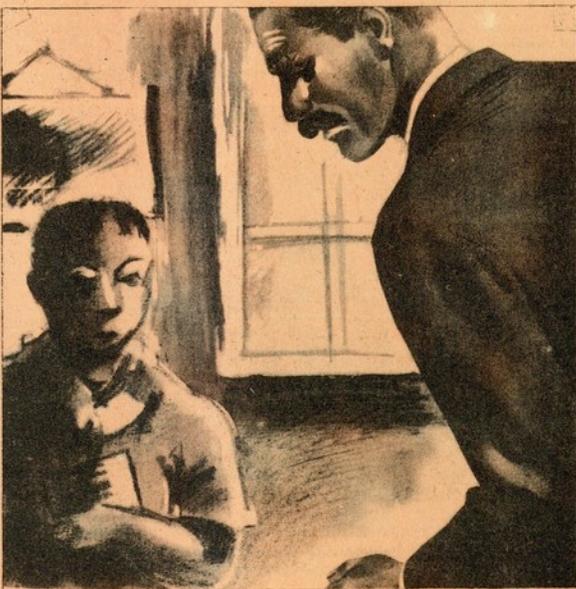
Então, todos respiraram mais à vontade! Porque não se gosta nunca daqueles que, de repente, se impõem e se colocam mais alto. Porque, se se admite ainda que alguém seja superior, o que jamais se perdoa é que alguém se torne superior...

O professor teve um gesto brando. Depois, numa atitude de piedade, disse:

— Essa composição admirava-me, se fosse sua. Como pretende que classifique um trabalho que não é seu?!... Volte para o seu lugar.

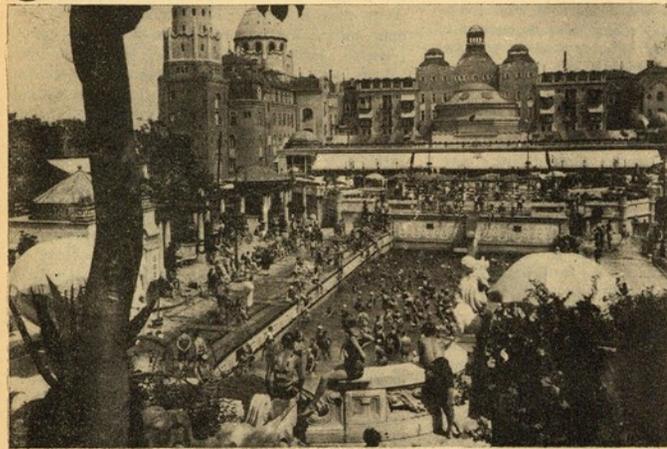
E, para todos, Gauthier continuou a ser o cábula, o madraço.

Só mais tarde tomou a sua desforra, tornando-se um dos maiores e mais brilhantes escritores franceses — e, daqueles «bons alunos» que o desprezaram, nem um só nome chegou à posteridade...





1 Sobre as colinas de Buda, erguia-se o Palácio Real. Antes de se renderem, os alemães fizeram ir pelos ares — mesmo no último momento — uma ala do edifício, construído em estilo «rococó». Era este o último ninho de resistência alemã.



2 Um mundo cosmopolita e elegante dava a Budapeste a categoria de grande cidade europeia. Este era um dos belos centros de elegância: o célebre Hotel S. A. Gilbert, que ficou completamente destruído pelos bombardeamentos aéreos

QUANDO A GUERRA BATE Á PORTA...

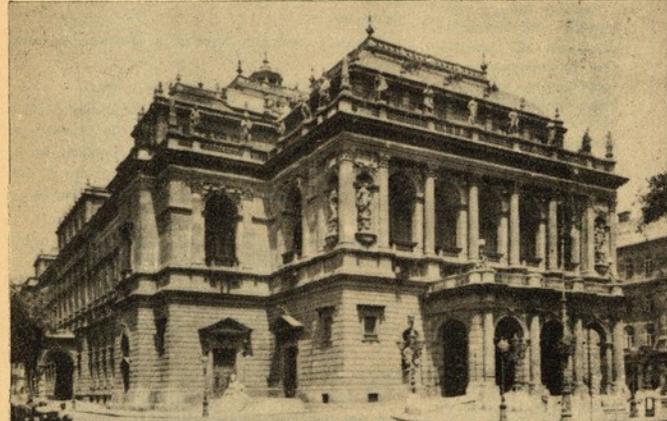
# BUDAPESTE

## JÁ NÃO É A BELA CIDADE DO DANÚBIO AZUL!

**N**A vida, não é só sagrada a existência do homem. Que vale um, que valem dois milhões de homens — sempre «renováveis» — ao pé de um monumento de arte que jamais será o mesmo, desde que a metralha o varra?

Budapeste perdeu com esta guerra um tesouro impossível de recuperar. Ficou cheio de feridas insaráveis. As vidas que se perderam, renascerão, os homens voltarão, as gerações substituem-se em menos de meia dúzia de décadas. Os grandes palácios, os monumentos, as pontes, tudo o que o engenho do homem ergueu dos limites do comum — isso é que a paz não trará ao mundo, suspenso das suas asas brancas. Budapeste, como muitas outras cidades, foi sangrada. O sangue corre das veias — porque aquilo que se refaz não é o que estava feito...

Nesta série de fotos, damos alguns dos mais belos monumentos varridos de Budapeste, a bela cidade do Danúbio, quando a guerra bateu à sua porta...



3 Qual seria o destino do edifício da Ópera Real da Hungria? As notícias são contraditórias. E uns dizem que foi arrasado pela metralha, enquanto que outros afirmam ter sido apenas ligeiramente atingido.



4 Este era o Palácio das Exposições, e que as bombas destruíram completamente — um belo edifício que amanhã será reconstruído.

# UMA CONFERÊNCIA SEMI-OFICIAL PARA TRATAR DA POLÍTICA DO PACÍFICO

**R**ECENTEMENTE — vá lá, há cerca de uns... — realizou-se nos Estados Unidos, precisamente em Virgínia, uma reunião meia oficial, meia particular, para tratar de assuntos ligados à política do Pacífico: nada mais, nada menos, do que discutir o regime a instaurar nesse mar de todos, quando vier a paz. A conferência foi promovida pelo Instituto das Relações no Pacífico — uma associação de carácter particular mas, incontestavelmente, poderosa e movida, ocultamente, pelos poderes oficiais. Foram doze os países representados: a Austrália, o Canadá, a China, a Coreia, a Índia, os Estados Unidos, a França, a Grã-Bretanha, a Nova-Zelândia, os Países Baixos, as Filipinas e a Thailandia. Não compareceu Portugal, porque é país neutro. A Rússia esteve ausente, porque não está em guerra com o Japão.

O que disse, o que resolveu esse grupo de representantes teria, porém, carácter público ou exprimiria, pelo contrário, a opinião dos países que representavam, embora com carácter particular? Não seria justo concluir que doze países se encontrassem representados à volta de uma mesa, com a simples mensagem de falar por falar. E, por isso, um comentador da conferência de Hot-Springs onde à mistura se viram altos funcionários da diplomacia, economistas e oficiais de alta patente no activo — não hesitou em afirmar que esta reunião era a primeira tentativa semi-oficial, feita pelos Aliados, para chegar a um entendimento a respeito dos problemas do Pacífico. Segundo

(Continua na pág. 1.)



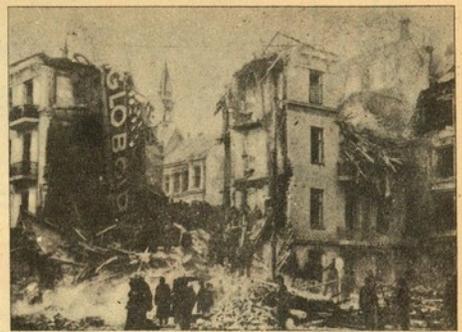
## 1944 BATEU O "RÉCORD" EM "BEBÉS"...

*Eis uma estatística curiosa que nos vem de Inglaterra: o ano de 1944 foi o que, dos últimos vinte anos, deu aos súbditos de Sua Majestade britânica maior número de «bebês»... Os dezasseis rebentos da foto nasceram no Queen Charlotte Hospital de Londres, onde recebem — estes como todos — o melhor cuidado de médicas e parteiras, pois a Inglaterra resolveu, de novo, preparar os seus novos filhos para os anos de paz que se aproximam.*



## POLÍTICA DO PACÍFICO

*O marajá de Nanipur foi, há pouco, coroado. Chama-se Chandra Sing e a cerimónia, para ter mais impressionismo, efectuou-se numa sala do seu palácio bombardeado. Esta coroação, de resto, vinha sendo adiada de há três anos para cá, por motivo da invasão japonesa. Mas, pelo que as revistas inglesas nos contam, a cerimónia da coroação revestiu-se de grande imponência: nem faltaram as bebidas capitosas nem a música típica.*



## BOMBAS SÔBRE OSLO

*Ultimamente, os bombardeiros ingleses têm feito as suas visitas à Noruega. E, pelo que se vê nesta foto, que foi tirada em Oslo, depois de um dos últimos bombardeamentos, a intensidade dos ataques atinge, por vezes, extraordinária violência. Como se sabe, a respeito de estratégia de guerra e de futuros desembarques têm corrido ultimamente muitas informações que visam, de modo directo, a Noruega, ocupada pelos alemães, desde Abril de 1940, depois de luta renhida.*



## VÍTIMAS DA GUERRA

*Eis a fila de carções que as revistas reproduziram no estrangeiro. São algumas dezenas de vítimas da ocupação, numa pequena aldeia belga. A legenda inglesa que acompanhava a foto dizia que o facto se registara quando os alemães recuaram essa aldeia, por ocasião da sua ofensiva nas Ardenas. A bandeira da pátria cobre esses corpos vencidos a favor da pátria vencedora.*



# ISTO E AQUILO... POR ESSE MUNDO FÓRA

A imprensa sueca anunciou que as tropas alemãs na Dinamarca se

*Mussolini esteve em Milão. Na via Dante, falou às tropas fascistas, antes da sua partida para o «front». Atrás dele, vimos Pavelline, recentemente falecido, dizendo os ingleses que esta foto foi recebida em Londres, de origem neutral.*

encontram em estado de alerta, no recelo de um desembarque aliado naquela costa.

◆ Por motivo do novo avanço russo sobre Viena, a Suíça resolveu chamar ao activo novos contingentes da reserva.

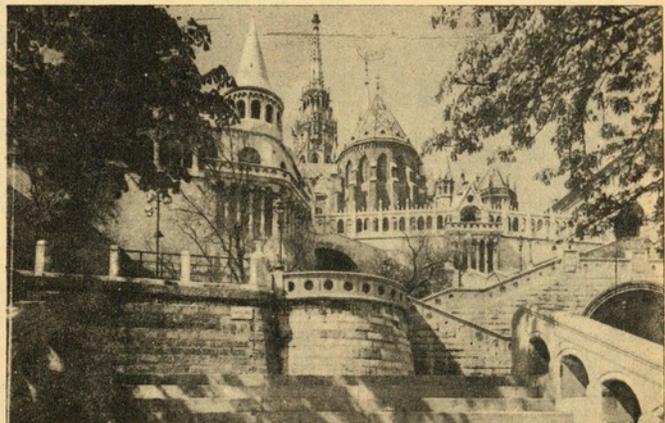
◆ Nas próximas eleições, Churchill será candidato pela nova circunscrição de Woodfor — Essex — criada pela divisão da antiga circunscrição de Epping.

◆ Van Zeeland, antigo primeiro ministro belga, reclamou, em Washington, a criação de uma «união económica» entre a Grã-Bretanha, França, Bélgica e Países Baixos.

◆ A mesma imprensa francesa diz-nos que os artigos de «smenages», de cozinha, higiene, agricultura, em alumínio e em estanho se vendem, em França, só mediante a apresentação de requisições especiais de racionamento...



5 O Museu das Belas Artes foi um dos raros monumentos de Budapeste que a guerra deixou intacto. Nas suas galerias existiam belos documentos da Idade Média e outros grandes valores artísticos que foram postos a salvo.



6 Aqui está um recanto do Bastião dos Pescadores. Serviu para os alemães estabelecerem uma linha de defesa e ficou completamente destruído.



# PASSATEMPO



DIRIGIDO POR AUGUSTO TEIXEIRA MARQUES  
Toda a correspondência deve ser enviada para a Rua Marquês Sá da Bandeira, 108, 3.º — LISBOA

## palavras CRUZADAS

PROBLEMA N.º 9

(Concurso)

Pelo Engenheiro  
Alfredo José  
Ferreira (Aljofe)

(Pôrto)

ENUNCIADO

**HORIZONTAIS:**  
1 — Árvore da ilha de S. Tomé. 2 — Atréso com que se resguarda de inundações um campo. 3 — Planta medicinal do Brasil. 4 — Endurecer; casaco (gir.). 5 — Atestara. 6 — Uno. 7 — Planta frutífera do Brasil.

**VERTICAIS:**  
1 — Conversada. 2 — Satisfaz. 3 — Insignia militar da Ordem de S. Miguel. 4 — Fátima; designação genérica dos povos nómadas do norte da Europa e da Ásia. 5 — Embebera. 6 — Planta vivaz e medicinal. 7 — Peixe marinho.

**SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 8**

**HORIZONTAIS:** — Aborigine. 2 — Bacía; ob. 3 — Olho; vagido. 4 — Cle; coragem. 5 — Há; ralia. 6 — Om; pum; an. 7 — Asemos; lá. 8 — Nápoles; lav. 9 — Amolas; acre. 10 — Dó; enami. 11 — Abassores.

**VERTICAIS:** 1 — Aochoornado. 2 — Ballam; amo. 3 — Oche; apo. 4 — Rio; solob. 5 — Ia; capela. 6 — Volumes. 7 — Arimos; és. 8 — Nugas; ano. 9 — Iga; ícar. 10 — Ode; alarme. 11 — Abomináveis.

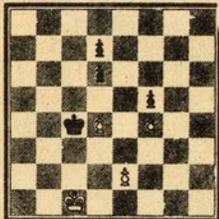
**SOLUCIONISTAS DOS ÚLTIMOS PROBLEMAS**

Eng.º Alfredo José Ferreira (Pôrto), António Ilídio Assis da Veiga (Lisboa), Nicolau F. Telo de Moraes (Viseu), José Rodrigues Correia (Viseu), José da Silva Campos (Guarda), António Fernandes da Silva (Aveiro) e Elísio Dias Cordeiro (Pôrto).

## XADREZ

ESTUDO N.º 15

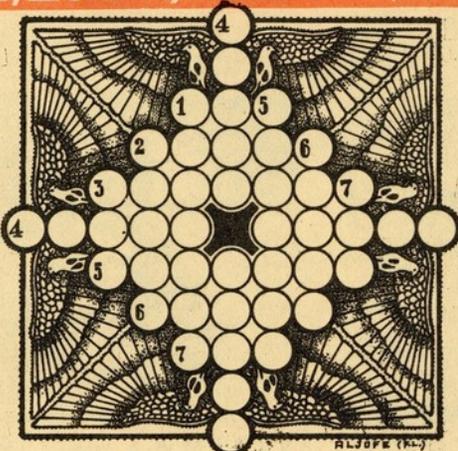
Por: Klung e Horwitz



As brancas jogam e ganham.

**SOLUÇÃO DO ESTUDO N.º 14**

1. Cc3. Dc7; 2. Cd5+, Re5 (se 2... Rg5; 3. Cf3+, R×g4; 4. Cf6+ e ganha — 4... R×f3; 5. C×e8, h5! 6. Cf6, h4; 7. Be5, h3; 8. Rg7, Rg2; 9. Cg4, f5; 10. Ch2, etc.). 3. Cb5+, R—; 4. Ce7 ou d6+ e ganha. (Se 1... Dh2 ou e1; 2. Cd5+, R— 3. Cf3+ etc. se 1... Dd8 ou a5; 2. Ce4+, R—; 3. Ccd+ e ganha. — Se 1... D×d4; Cd5+, etc. Idéia temática: Domínio



ALJOFE (AL)

de 22 casas da D preta por bloqueio (depois de 1.Cc3 as pretas perdem por ter que jogar). Quatro lances de eco, 1... Dh2 — De1 — Dc8 — Da5.

**O CAMPEÃO ALEKHINE**

é o treinador da equipa espanhola de xadrez que vem jogar ao Estoril

MADRID — O grupo espanhol de xadrez, que seguirá em breve para Lisboa, a fim de disputar o desafio Portugal-Espanha, no Estoril, vai treinar-se sob a direcção do campeão mundial dr. Sérgio Alekhine e do jogador checo Max Walter. Os treinos principiam hoje.

(Do Diário de Notícias, de 25-2-45)

**PORTUGAL-ESPAÑA**

É já nos dias 10 e 12 do corrente que se defrontam as equipas representativas de Espanha e Portugal. A primeira sessão é arbitrada e dirigida pelo sr. Marquês de Montecort, presidente da Federação espanhola e a segunda pelo presidente da Federação Portuguesa, sr. Engenheiro Eduardo Maldonado Pellen. Os encontros, que se realizam no Casino Estoril, no palco do cinema, efectuaem-se das 21 às 2 horas.

Digna-se presidir ao encontro S. Ex.º o Sr. Ministro da Educação acompanhados pelo general Moscar Nacional, Dr. Caetano da Mata. Aos jogadores espanhóis, que vêm acompanhados pelo general Moscardó, estão preparadas diversas homenagens.

Devido ao grande entusiasmo que lavra no meio xadrezístico é de esperar uma formidável concorrência aos encontros.

A Sociedade Propaganda da Costa do Sol, a Direcção Geral de Desportos, por intermédio de Ayala Boto, Sociedade Estoril Plage, Junta de Turismo de Cascais, etc., etc., têm sido incansáveis no auxílio prestado à Federação Portuguesa de Xadrez, para o bom êxito deste 1.º encontro internacional.

## CHARADAS

1) O marisco de água salgada faz que engorde. — 3-2

Viseu «Dr. de Cabresto»

2) Bife de lombinho é muito bom. — 3-2

Viseu «Dr. de Cabresto»

3) O carro de seis rodas, produz um ruído áspero. — 3-2  
Viseu «Dr. de Cabresto»  
4) Peixe da costa do Algarve, só por mania. — 3-2  
Viseu «Dr. de Cabresto»

(Secção portuguesa)

PROBLEMA N.º 13 (Inédito)

Por Francisco Almeida dos Santos (Almeirim)

(Dedicado, afectuosamente, ao meu conterrâneo e grande amigo Francisco A. Henriques)

## DAMAS

(Secção espanhola)

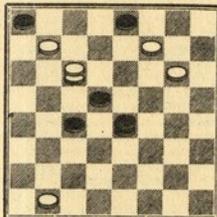
Orientador: Dr. Carlos R. Lafora (Espanha)

1.º CONCURSO INTERNACIONAL DE PROBLEMISTAS DE «DAMAS»  
COMPOSIÇÃO N.º 45 (Final artístico)

«La Provincia», 1/3/945  
(Las Palmas — Espanha)

Lema: «Lusitana XII»

Pretas: 4 «pedras»



Jogam as brancas e ganham.

CAMPEONATO FOR CORRESPONDENCIA, DE 1945

(Continuação)

Série D

Delfim Faria Diniz (Famalicao).  
Raúl Duarte Girão (Pernes).  
Rogério Fernandes (Meiçaco).  
Bento Neves Pizarra (Setúbal).

Série E

N. N. (Pôrto).  
José Trindade Martins (Vila Viçosa).

António Lopes (Ovar).  
José Pereira Baptista (Lisboa).

Série F

Joaquim Rosa Nobre (Pernes).  
José António Reis Martins (Cambrã).

José Rodrigues Irra (Chamusca).  
Marcelino Pécuro (Vila Viçosa).

Série G

António Eduardo Igrejas (Meiçaco).  
Domingos Carvalho Caixeiro (Lisboa).

Bonfilho Augusto Gomes (Vila Viçosa).

José António Vinagre Pereira (Setúbal).

(Continua)

Nota — Como todos os concorrentes já sabem, por aviso particular, quais as suas séries, nomes e moradas dos seus adversários, podem desde já iniciar o campeonato. Os jogos das brancas são feitos nos números 1 a 12 e o das pretas nos números 21 a 32.

AVISO

Rogélio J. Nobre Girão (Pernes), da série A, foi substituído por José Soares, de Alenquer. N. N., do Pôrto, não pode jogar por continuar doente.

Como todos os inscritos já têm conhecimento das suas séries, iniciamos a partir de hoje este campeonato, que é por correspondência directa entre os concorrentes.

A todos aconselhamos persistência e desejamos um campeonato muito feliz.

Se sofre das gengivas faça uma massagem com



Se quer ter os dentes sãos e belos lave-os com SULFADENTINA



As pessoas elegantes  
calçam os sapatos

**Cristal**

Telefone 42424

RUA DO SALITRE, 42-D

UMA GOTA DE «HERPETOL»

É O DESEJO DE COÇAR PASSOU. A IRRITAÇÃO E DOMINADA. A PELE REFRESCA-SE E O ALIVIO COMEÇA

«HERPETOL»

É UM MEDICAMENTO SERIO E CERTO PARA TODOS OS CASOS DE ECZEMA (HUMIDO OU SECO), CROSTAS, FERIDAS, ERUPÇÕES, ARDÊNCIAS NA PELE, ETC. ATÉ HOJE AINDA NÃO APARECEU COISA MELHOR

A venda em todas as farmácias e drogarias

Preço avulso: 11\$00



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS  
EM LINGUA PORTUGUESA

(RECORTE ESTA TABELA PARA REFERÊNCIA FUTURA)

Horas	Ondas	Ondas	Ondas	Ondas
19,30	30,9	19,5	23	39,6
19,45	23	39,6		
21,45				
às	23	39,6	49,6	
22,15				

Ouça o locutor JORGE ALVES às 21,45

A «VOZ DA AMÉRICA» em português pode ser escutada por intermédio da «B. B. C.», todos os dias das 18,45 às 19,00.

EMISSÕES DIÁRIAS

**OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA**

COMPANHIA ALCOBIA

FORNECEDORES  
DOS MELHORES  
E MAIS LINDOS  
MOBILIÁRIOS

CÓMODAS DE ESTILO \* PORCELANAS DE SAXE \* ESPELHOS DE VENEZA \* CANDEEIROS DE CRISTAL, DE FERRO FORJADO E DE MADEIRA \* TAPEÇARIAS \* MARQUISSETES E VOILES SUÍÇOS \* CARPETES DE LÃ \*

\* COMPANHIA ALCOBIA \*

RUA IVENS, 14 (Esquina da Rua Capelo) / Telef. 86441 / LISBOA

PEÇA NA SUA PAPELARIA OS PRODUTOS «HUBUS» TINTAS PARA ESCRIVER, COLAS, LACRES E PAPEIS QUÍMICOS



MOISES & REIS, L. DA  
FABRICA: TRAV. DAS AGUAS DOAS, 11  
RUA FABRICA DE POLYORA, 22-B  
LISBOA



RAINHA DA HUNGRIA

MEDICINAL  
PASTA COUTO  
TRATA gengivas doerocnadas ou sangrentas  
EVITA estomatites mercuriais ou birmuticas  
MATA os microbios da boca, que dão causa a tantas doenças graves

Medicinal pequena — tubo 10\$50  
Medicinal grande — tubo 16\$00  
Vulgar pequena — tubo 4\$00  
Vulgar grande — tubo 7\$00



M. CAMPOS

Cacilda Figueira

AV. ORIENTAL, 20, 3.º, Esq.  
(Junto das Avenidas: Fontes Pereira de Melo e António Augusto de Aguiar)  
Tem elevador Telef. 40909

CHAPÉUS \* ALTA COSTURA

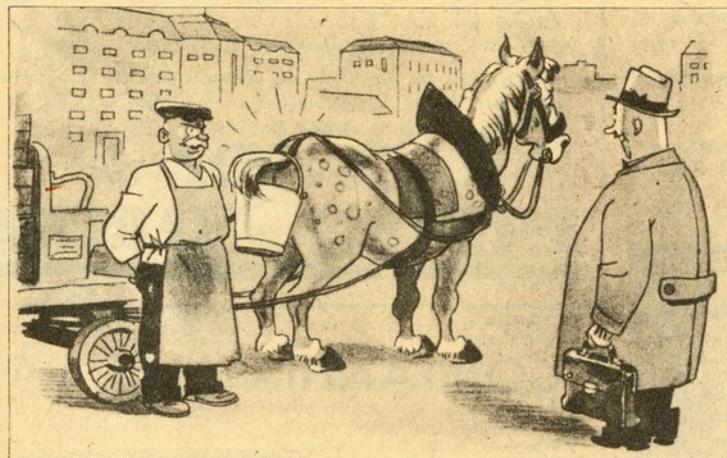
# Humorismo



As diferenças sociais não afligem só os homens.



SALTOS DE CORTIÇA



UMA SOLUÇÃO PRÁTICA PARA A HIGIENE DAS RUAS



NUMA AGENCIA DE EMPREGOS  
— Sou dactilógrafa, mas só escrevo três linhas por minuto: não tem aí nenhum patrão que seja gago?...



BOM SENSO

— Dê atenção às minhas palavras, e tudo quanto posso ficar à sua disposição...

— E de que viveria depois o senhor?

## NOTAS DE GRAÇA

### PIEDADE PARA OS BOMBEIROS

Em Londres, foi afixado aqui há anos o seguinte edital: «Pede-se às pessoas que virem um gatinho miando desesperadamente na copa duma árvore que não chamem os bombeiros para prestar assistência ao animal».

### ANJO DA GUARDA

Um casal de namorados procurava um recanto solitário, mas encontrava gente por toda a parte. Subitamente, ele teve uma idéia, e dirigiu-se com a namorada para uma «gare». Em pé, defronte da porta de um compartimento, beijaram-se apaixonadamente, como se se estivessem despedindo. Depois de terem repetido a cena à partida de três ou quatro combós, um carregador segredou ao ouvido do rapaz:

— Porque não vão para a garagem do «omnibus»: partem de dois em dois minutos...

### JUVENTUDE

Preenchendo um questionário para a Defesa Civil, uma velha inglesa de 76 anos respondeu a todas as perguntas. Chegada ao espaço,

reservado para a «situação conjugal», escreveu com mão firme:

— «Excelentes».

\* \* \*

Um velhote chegou um dia à repartição dos desaparecidos da Polícia de Nova-York e disse que sua mulher tinha desaparecido de casa havia 15 anos.

— E porque o diz nesta altura? Porque deixou passar tanto tempo?

— Porque só agora começo a sentir-me só.

\* \* \*

Um índio chegou a um Banco de Oklahoma para contrair um empréstimo.

— Preciso de 200 dólares.

— Que garantias apresenta?

— Tenho 200 cavalos.

A garantia foi julgada suficiente e o Banco fez o financiamento.

Tempos depois, o mesmo índio voltou ao Banco com 2.200 dólares, pagou a sua dívida, guardou o resto do dinheiro, e preparava-se para partir quando o banqueiro lhe sugeriu:

— Porque não deposita o seu dinheiro aqui no Banco?

— E quantos cavalos tem o senhor?